



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DCH – CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS, LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS**

ANTÔNIO JOÃO SILVA JÚNIOR

A PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO

**Jacobina - Bahia
2015**

ANTÔNIO JOÃO SILVA JÚNIOR

A PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO MUDIÁTICO

Trabalho monográfico apresentado à Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas - Campus IV, como requisito parcial
para obtenção do título de graduação em Letras.
Orientadora. Prof.^a Ms. Maria Iraídes da Silva Barreto

Jacobina - Bahia
2015



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS, LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

A PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO MIDIÁTICO

Trabalho Monográfico apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Professora Ms. Maria Iraídes da Silva Barreto
Orientadora

Professor Ms. Bárbara Bezerra de Santana
Banca Examinadora

Professora Ms. Márcia Mendes
Banca Examinadora

Jacobina, ___/___/___.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus vivo e verdadeiro, pela vida e amor demonstrados nos mais sensíveis e simples gestos materializados nas mais diversas formas que os nossos olhos podem contemplar em todo o universo; obrigado por conduzir a minha vida de um modo muito mais excelente do que imaginei; Seu nome seja louvado eternamente.

À Professora Maria Iraídes da Silva Barreto pelo apoio, orientação, paciência e carinho doados a mim para termos hoje este trabalho pronto.

A minha amada esposa, Ariane Silva, pelo amor e apoio incondicional. És a menina dos meus olhos! Muito obrigado filha!

Aos meus irmãos e amigos da Assembleia de Deus em Mirangaba-Bahia que me apoiaram direta ou indiretamente, pelas orações, Deus os recompense!

A minha turma querida de Letras vernáculas de 2009 representada nas pessoas inesquecíveis de Wesley Silva, Morgana Gomes e Juliana Pinho. Jamais esquecerei dos momentos fascinante que vivemos juntos todos esses anos.

A minha família: Marinelza Silva, exemplo de mulher, amiga, mulher virtuosa; ao meu querido Antônio João, que me privou de muita coisa para que eu me dedicasse aos estudos. O senhor, pai, é muito mais que um pai, é um referência inigualável de ser humano; aos meus queridos irmãos: Antoniel, Abmael e Abnadab, os três mosqueteiros de lá de casa. Deus abençoe a todos. Como diz Fábio Júnior, compositor e cantor brasileiro: Obrigadoo!!!.

“Um cristão verdadeiro é uma pessoa estranha em todos os sentidos. Ele sente um amor supremo por alguém que ele nunca viu; conversa familiarmente todos os dias com alguém que não pode ver; espera ir para o céu pelos méritos de outro; esvazia-se para que possa estar cheio; admite estar errado para que possa ser declarado certo; desce para que possa ir para o alto; é mais forte quando ele é mais fraco; é mais rico quando é mais pobre; mais feliz quando se sente o pior. Ele morre para que possa viver; renuncia para que possa ter; doa para que possa manter; vê o invisível, ouve o inaudível e conhece o que excede todo o entendimento.”

A. W. Tozer

RESUMO

Para Foucault (1998), o poder configura-se como uma rede de relações nas interações sociais que se consolida por meio da materialização dos variados discursos que constroem, desconstroem e produzem efeitos de verdade e saberes em diferentes espaços e tempos, instituindo novas práticas sociais e discursivas que interpelam os sujeitos. Isso decorre, também, em função da multimodalidade de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) que circulam socialmente e nos permitem não somente acessar e consumi-los, mas também produzi-los. Nesse sentido, uma gama de discursos, entre eles o discurso religioso, vem sendo veiculada por meio das mídias, inclusive televisiva, uma das mais populares e acessíveis para a grande maioria do povo brasileiro. As instituições religiosas, atentas às tendências das novas tecnologias de comunicação, utilizam esses espaços midiáticos como instrumentos de divulgação da fé e persuasão dos fiéis. Dessa forma, criam-se imagens dos fiéis e para os fiéis, quase sempre com fins proselitistas, na intenção de divulgar e manter determinados posicionamentos doutrinários, fazendo-os circular como expressão da verdade. Este trabalho, portanto, intitulado *A persuasão no discurso religioso midiático*, reflete acerca da interpelação do discurso religioso a partir de um dos sermões da Igreja Presbiteriana do Brasil, veiculado no Programa “Verdade e Vida”, transmitido aos sábados no canal aberto da Emissora Bandeirantes. Dito isso, temos, nesse estudo, como objetivo geral: compreender como é construída a persuasão no sermão “Perdão: a cura das emoções”, ministrado pelo Reverendo Hernandes Lopes. E como objetivos específicos: analisar as formulações que constituem esse sermão e descrever as especificidades dos enunciados que marcam a presença do *ethos* e os efeitos de verdade e persuasão ali materializados por meio do interdiscurso. Os procedimentos metodológicos tiveram como base os princípios da obra “A Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 1972) a partir do método da descrição-interpretação. Nossa moldura teórica tem como princípios: a Análise do Discurso de Linha Francesa com os estudos de Foucault, em virtude da metodologia e das relações de poder implícitas no discurso religioso e as Novas Tendências em Análise do Discurso Francesa, mediante as teorias sobre o *ethos* e mídiun de Maingueneau (2008a; 2008b; 2008c; 2008d; 2009; 2010; 2011). Esta investigação reafirma através dos enunciados, tomados no sermão estudado, como o interlocutor revela o *ethos* discursivo, sinalizando para os

ouvintes, *pathos*, seu discurso persuasivo, unilateral e a sua vontade de verdade. Compreendemos que a Análise do Discurso de Linha Francesa, bem como as Novas Tendências da Análise do Discurso Francesa trazem significativas contribuições para o ensino da língua materna, inclusive para refletir e, por vezes, desconstruir as vontades de verdade publicitadas nos diferentes gêneros do discurso que circulam nas variadas esferas sociais.

Palavra-chave: Discurso religioso; Sermão; Persuasão.

ABSTRACT

For Foucault (1998), the power set up a network of relationships in social interactions and makes present up through the materialization of various discourses that construct, deconstruct and produce effects of truth and knowledge in different spaces and times, instituting new practices social and discursive that challenge the subjects. This follows also, depending on the multimodality of genres (Bakhtin, 2003) that circulate socially, and not only allow us to access and consume them, but also produce them. In this regard, a range of speeches, including religious discourse, has been conveyed through the media, including television, one of the most popular and affordable for the vast majority of the Brazilian people. The religious institutions attentive to the trends of new communication technologies, using these media spaces as a forum for the dissemination of faith and persuasion of the faithful. Thus, it creates images of the faithful and for the faithful, often with proselytizing purposes with the intention to promote and maintain certain positions of their doctrines, making them circulate as will to truth. This work titled Persuasion media in religious discourse comes to reflect this interpellation in religious discourse in one of the sermons of the Presbyterian Church of Brazil aired on the program "Truth and Life," broadcast every Saturday on the open channel of the Issuer Bandeirantes. That said, we have, in this study, as a general objective to understand how persuasion is built in the sermon "Forgiveness: the healing of emotions," taught by Rev. Hernandes Lopes. Our specific objectives were to analyze the formulations that make up this sermon and describe the specifics of the statements that mark the presence of the ethos and the effects of truth and persuasion there materialized through interdiscourse. The methodological procedures were based on the principles of the book "The Archaeology of Knowledge" (Foucault, 1972) from the description-interpretation method. Our theoretical framework has as principles: the French Discourse Analysis with Foucault's studies because the methodology and implicit power relations in religious discourse and New Trends in French Discourse Analysis, through the theories about the ethos and midium of Maingueneau (2008a; 2008b; 2008c; 2008d; 2009; 2010; 2011). This research reaffirms through the statements, taken during the study sermon, as the interlocutor reveals the discursive ethos, signaling to the listeners, pathos, his persuasive speech, unilateral and your will to truth. We

understand that the French Discourse Analysis and the New French Discourse Analysis of Trends bring significant contributions to the teaching of mother tongue, including to reflect and sometimes deconstruct publicized fact of wills in the different genres of discourse circulating in various social spheres.

Keyword: Religious discourse; Sermon; Persuasion.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS DO DISCURSO E SEUS EFEITOS DE SENTIDOS	16
2.1	A CONSTITUIÇÃO DO <i>ETHOS</i> DISCURSIVO	22
2.2	ETHOS E DISCURSO RELIGIOSO	26
2.3	O SERMÃO RELIGIOSO: UM GÊNERO PERSUASIVO E UM DISCURSO CONSTITUINTE	29
2.4	A RETÓRICA	33
3	APORTES EM FOUCAULT PARA ESTUDO DO DISCURSO RELIGIOSO: A ARQUEOLOGIA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	40
3.1	BREVE HISTÓRICO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL	46
3.2	O PROGRAMA TELEVISIVO “VERDADE E VIDA”	48
3.3	VONTADE DE VERDADE EM “PERDÃO: A CURA DAS EMOÇÕES”	49
3.4	O SERMÃO NA TV	56
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

As interações sócio-comunicativas estabelecidas entre as pessoas, acontecem pelo domínio de uso das diferentes linguagens, formatadas em gêneros discursivos multimodais que são produzidos a partir de suas finalidades, conteúdos e estilos (BAKTHIN, 2003), com vistas à produção de um projeto de dizer, ou seja, o texto. Este é sempre constituído por uma organização formal e consciente de enunciados verbais e ou verbais-imagéticos que estão à disposição dos sujeitos para fazer circular os dizeres pretendidos (FIORNI,2007).

Mainueneau(1989) considera o texto como um objeto discursivo que possibilita o sujeito materializar os discursos que produzem e feitos de sentidos entre os interlocutores, o que ocorre sempre sob o estigma das condições de produção. O discurso é o objeto da Análise do Discurso e é ele quem entrelaça a língua com a exterioridade, ou seja, articula o linguístico e o extralinguístico, possibilitando a relação entre sujeito, sociedade e a história.

Entre os variados discursos que circulam socialmente, encontra-se o discurso religioso com suas especificidades, tendo em vista as suas finalidades sociais. Tomá-lo como objeto de estudo não nos parece muito fácil, mas compreendemos que é necessário para refletirmos como as religiões dialogam com a população, inclusive nesses tempos de novas tecnologias de comunicação e informação que facilitam a circulação, o consumo e a produção de textos multimodais, que trazem um discurso religioso persuasivo, posto que sua formulação constitui-se pelo *ethos*, pela prosódia, pelas cores e imagens fixas ou em movimento, por trilhas sonoras e tudo isso de modo simultâneo.

Além disso, quando se trata do discurso religioso, o senso comum apregoa clichês tais como “Religião não se discute” ou “Sem religião não há salvação do corpo e da alma” entre outros. Desconstruindo a premissa da ausência de discussão, do diálogo e da reflexão sobre esse conteúdo temático, a religião, o que percebemos com muita intensidade, é uma gama de discursos persuasivos e

apelativos veiculados nas mídias televisivas e que interpelam de tal forma os sujeitos que muitos se tornam adeptos de determinadas 'igrejas' em virtude da formulação que se enuncia a cada pregação em programas que são veiculados pelas mídias ou igrejas. Tais discursos são aceitos, por vezes, pelo temor de não 'ser salvo' ou de não se ter uma vida terrena próspera.

Isso porque toda religião traz consigo suas 'vontades de verdades', fundamentadas em seus princípios filosóficos, ideológicos e sua forma de conceber o homem e as sociedades. Logo, cada uma dessas instituições religiosas moldam seus textos, regidos por discursos de autoridade com base na sua singular compreensão e interpretação da Bíblia Sagrada, no caso dos cristãos.

Sabemos que somos sujeitos construídos sócio-historicamente, estamos imersos em ideologias distintas; formando, assim, uma sociedade complexa e multifacetada, na qual o sagrado e o profano convivem diariamente. Ao primeiro compete a busca da vida eterna, que exige um modo de ser justo, prudente, contido e dedicado a Deus, a partir do pertencimento a uma religião, que irá direcionar e iluminar o comportamento, atitude, práticas sociais e discursivas, sempre ancoradas nos preceitos da fé que professam. O segundo, por sua vez, refere-se ao 'não pertencimento' dos sujeitos a uma religião, ou seja, os sujeitos que não vivem os preceitos religiosos e têm o seu livre arbítrio.

Vale ressaltar que isso não significa que eles não creiam em Deus, porque muitos dos ditos profanos têm atitudes de solidariedade, de compaixão e buscam a justiça social, que são virtudes divinas, segundo a Bíblia Sagrada. Porém tais sujeitos não optaram por seguir alguma religião com seus dogmas, doutrinas, rituais e práticas linguístico-discursivas, isso porque muitas das suas práticas sociais são paradoxais ao universo sagrado de algumas religiões como, por exemplo, doar sangue, assumir ser bígamo, praticar aborto, ingerir carne em determinadas épocas do ano entre outras.

Nesse sentido, as práticas sociais e discursivas nos permitem criar expectativas diferenciadas quando se trata de discurso religioso, posto que esse tem estilos composicionais e organização específicos e seus enunciadores têm um jeito

de portar-se, de falar, de pregar e escrever os textos, enfim, tem um estilo. Portanto, há uma *corporalidade* e um discurso que se mostra na hora da pregação, independente dos suportes que veiculam tal enunciação. Por isso, no campo do discurso religioso, as reflexões sobre *ethos* tornam-se pertinentes, porque este dirige-se a um *pathos*, ou seja, interlocutores que estão em quadro social antes e durante determinadas enunciações.

Compreendemos, então, que nosso estudo tem uma relevância social, pois possibilita aos sujeitos, isto é, no papel de *pathos*, pensarem sobre as finalidades sociais dos vários discursos midiáticos dentro das dinâmicas sociais contemporâneas, entre eles o religioso. Além disso, nosso texto integra-se aos discursos que constroem premissas sobre a importância de falar de religião, de analisar o discurso religioso, tão persuasivo na contemporaneidade por causa dos meios multimidiáticos. Compreender a religião e seus discursos pode ser uma opção para que os sujeitos façam suas escolhas acerca da fé que desejam professar.

A contribuição científica dá-se quando possibilitamos um estudo da língua e da linguagem por meio dos enunciados constituintes deste gênero discursivo que produz efeito de sentido diferente nas pessoas, isto é, a responsividade (BAKHTIN, 2003) dos fieis diante do sermão midiático. Há uma oportunidade de se refletir sobre a materialidade linguístico-discursiva que provoca a persuasão, revelando que não há neutralidade no uso da língua, que as escolhas linguísticas não são aleatórias e elas passam a existir em função de um projeto de dizer bem específico e marcado pelas relações de poder.

Logo, com muita ética e respeito, o gênero discursivo sermão pode ser estudado na sala de aula com fins de análise linguística e formação do senso crítico, a fim de que os sujeitos até se deixem levar pelos discursos midiáticos, inclusive o discurso religioso, porém de uma forma consciente.

Foucault (2005, p. 8-9) considera que os discursos veiculados dentro da sociedade “é ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos” e para esse estudioso tais discursos têm como

“função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.Entrando, pois, nessa ordem do discurso, surgiu esse trabalho monográfico intitulado: *A persuasão no discurso religioso midiático*, que trata de refletir sobre a interpelação do discurso religioso em um dos sermões da Igreja Presbiteriana do Brasil veiculado no Programa “Verdade e Vida”, transmitido aos sábados, no canal aberto da Emissora Bandeirantes.

Nesse estudo, refletiremos sobre a interpelação do discurso religioso em um dos sermões da Igreja Presbiteriana do Brasil veiculado no Programa “Verdade e Vida”, transmitido aos sábados, no canal aberto da Emissora Bandeirantes. O objetivo geral da nossa investigação foi compreender como é construída a persuasão no sermão “Perdão: a cura das emoções”, ministrado pelo Reverendo Hernandes Lopes. Nossos objetivos específicos foram analisar as formulações que constituem esse sermão e descrever as especificidades dos enunciados que marcam a presença do *ethos* e da persuasão.

Para realização das nossas análises, ancoramo-nos nos princípios teórico-metodológicos contidos na obra “A Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2009) a partir do método da descrição-interpretação, recorrendo às categorias de análise de base foucaultiana: *enunciado, interdiscurso, formação discursiva e arquivo*, estabelecendo uma relação entre saber, poder e persuasão.

O *corpus* desse estudo é constituído de um discurso de origem cristã evangélica, mais precisamente de uma Igreja Presbiteriana do Brasil da cidade de Vitória no Estado do Espírito Santo. Como esse universo discursivo é constituído de muitos sujeitos sociais, vimos a necessidade de selecionar entre os representes ou líderes aquele considerado o líder mais representativo desse segmento, o Reverendo Hernandes Dias Lopes, presidente da IPB em Vitória-ES.

A escolha desse orador e, conseqüentemente, do sermão proferido pelo mesmo, deu-se pela sua notável habilidade de persuasão. Ressaltamos que os cultos da Igreja Presbiteriana, no Brasil, são constituídos basicamente pela seguinte liturgia: orações, cânticos e sermão, sendo que esse último ocupa o maior espaço em relação aos demais momentos do culto. O nosso *sermão* foi extraído do

programa televisivo “*Verdade e Vida*”, da Igreja Presbiteriana do Brasil, transmitido pelo canal aberto da emissora Bandeirantes, no dia 14 de abril de 2013 às 10h:30min.

Para compreendermos teoricamente essa prática social e linguística que trouxe à tona esse sermão, construímos nossa moldura teórica a partir da Análise do Discurso de Linha Francesa, com os estudos de Michel Foucault, em *Ordem do Discurso* (1972) e *A Arqueologia do Saber* (2009), em virtude da metodologia e das relações de poder implícitas no discurso religioso e as Novas Tendências em Análise do Discurso Francesa, mediante as teorias sobre o *ethos*, de Dominique Maingueneau (2008a; 2008b; 2009; 2010). Embora cause estranhamento aos seguidores da Análise do Discurso de Linha Francesa, trouxemos Mikhail Bakhtin (2003), com os estudos sobre Gênero do Discurso por percebermos a pertinência, uma vez que o objeto de análise é o sermão midiático.

A redação está organizada em breves capítulos, que desvelam ao leitor os ensejos que motivaram esse estudo e o marco teórico que possibilitou a análise do sermão supracitado e que matizaram as reflexões aqui apresentadas. Após a Introdução, apresentamos a moldura teórica no Capítulo 2, intitulado *Contribuições da Análise do Discurso para os estudos do discurso religioso e seus efeitos de sentidos* que se subdivide pelas seções: *A constituição do ethos discursivo*; *Ethos e discurso religioso*; *O sermão religioso: um gênero persuasivo e um discurso constituinte e a retórica*.

Em seguida, trazemos o Capítulo 3, com o título *Aportes em Foucault para o estudo do discurso religioso: a arqueologia como procedimento metodológico* que faz a bricolagem entre a moldura estudada e os dados coletados. Divide-se em: *Breve histórico da Igreja Presbiteriana no Brasil*; *O programa televisivo “Verdade e Vida”*; *Vontade de verdade em “Perdão: a cura das emoções”* e *O sermão na tv*. Por fim, trazemos as Considerações Finais, Referências Bibliográficas e um Anexo.

2. CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA OS ESTUDOS DO DISCURSO E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

As novas tecnologias de comunicação e informação promoveram avanços consideráveis em nossa sociedade neste de século 21, tanto nos modos de circulação dos textos e discursos, quanto nas suas formas de acesso, consumo e produção. Falaremos nesse estudo sobre texto e discurso com um foco nas premissas da Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF), embora citemos aspectos da Análise Crítica do Discurso, das Novas Tendências em Análise do Discurso e da teoria socionteracionista, especificamente ao tratarmos de gênero do discurso e internalização ao nos remetermos à memória social.

Para a ADLF, o discurso é a prática social de produção de textos. Todo discurso é uma construção social e deve ser analisado a partir do seu *contexto* histórico-social e suas condições de produção. Isso significa afirmar que o discurso reflete uma visão de mundo a partir do sujeito enunciador, do lugar de onde enuncia e do *ethos*. O texto é, portanto, a materialização do discurso, é o produto da atividade discursiva e o objeto empírico de análise do discurso.

Ao analista do discurso interessa o *discurso*, o que só é possível a partir de uma materialidade, a qual ganha as seguintes denominações, a depender de sua filiação teórica-prática discursiva, por Norman Fairclough, um dos ícones da Análise do Discurso Crítica (ADC), que surgiu em 1990, na França; intradiscurso, que faz surgir as formações discursivas que compõe os arquivos, termos oriundos da Análise do Discurso de Linha Francesa nos estudos de Foucault (1972) e Gêneros do Discurso, isto é, os textos em seus diferentes modos de constituição e, como afirma Bakhtin (2003), sempre organizados a partir das finalidades sociais, dos conteúdos temáticos e de seu estilo composicional.

A Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF) tem o texto como uma das principais fontes de pesquisa, pois é nele que se encontra a materialidade física ou virtual para seu estudo: o discurso. A ADLF constitui-se como uma prática de estudo das linguagens, que tem no discurso seu objeto de estudo. Surgiu na França na

década de 60, com os estudos de Michel Pêcheux (2009), estabelecida sobre o tripé da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. Essa corrente teórica trabalha com a articulação entre sujeito, história, língua e linguagem, assim “... o objeto discurso se constitui em seu sentido próprio, pensando a materialidade discursiva que não é apenas um 'reflexo' da mistura dos três campos acima referidos” (ORLANDI, 1999, p. 13).

Para Michael Foucault (1972), a Análise do Discurso de Linha Francesa tem por objetivo romper com duas posturas. A primeira afirma que não é possível recuperar o início de um acontecimento verdadeiro, pois toda a reprodução de uma origem foge a determinação histórica, “(...) que além de qualquer começo aparente há sempre uma origem secreta – tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente” (FOUCAULT, 2005, p. 27); e a segunda em desfazer a ideia de que: (...) todo discurso manifesto se basearia sobre um já dito; e que este não seria simplesmente um enunciado já proferido, um texto já escrito, mas algo ainda da ordem do não dito (*op.cit*).

Para Foucault (2005), o discurso é um conjunto de acontecimentos que estão ancorados no domínio da materialidade, mantendo uma relação de coexistência com outros acontecimentos dispersos, que vão se acumulando, dividindo-se e sofrendo modificação no decorrer do tempo.

Dessa forma, o sujeito ao construir seu discurso, retoma outros que se encontram presentes dentro de uma rede de memória discursiva e de sistema de controles que podem ter temporalidades diferenciadas. Sistemas esses que se dão pelos diversos espaços contidos na sociedade, tais como, a ciência, a religião, a mídia, entre outros.

Assim, entendemos que o sujeito não é o dono do discurso, entretanto ele é constituído por um dialogismo, como afirma Bakhtin (2003). Assim, os textos dão corpo aos discursos, que são constituídos pelo *intradiscurso*, a materialidade concreta verbal ou verbal-imagética e pelo *interdiscurso*, evocação da memória-histórica, os já-ditos, remetendo dessa forma à polifonia (BAKHTIN, 1991) ou heterogeneidade, postulados de Authier-Revuz:

Sempre, sob novas palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite, que na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através do qual a análise pode tentar recuperar os indícios da pontuação do “inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

Ao analisarmos os escritos de Foucault (2009), tomamos como base a sua classificação em três dimensões: ser-saber, no qual o autor ateu-se a explicar o saber a partir da teoria arqueológica; ser-poder, que se deteve a compreender as relações de poder na sociedade e por último o ser-si, relacionando-o com a ética, os cuidados de si, voltados para a subjetivação humana.

Nessa perspectiva, o autor considera que o discurso envolve todos os dados da experiência humana, pois ele está ligado ao conjunto de formas, ou seja, a unidade do discurso que é o enunciado. Para Foucault, o enunciado é:

[...] uma função de existência que pertence em particular, aos signos, e a partir dos quais pode-se decidir em seguida, pela análise ou pela intuição, se fazem sentido ou não, segundo que regras se sucedem ou se justapõem, de que são signo, e que espécie de ato se encontra efetivado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT 2009, p.98).

O discurso remete-nos a pensar no sujeito e sua inter-relação com a sociedade, com outras pessoas e com os acontecimentos que permeiam essas relações interpessoais e intrapessoais, o que nos leva a considerar, segundo a abordagem foucaultiana, que somos sujeitos históricos, que produzimos discursos e somos também interpelados pelos discursos do outro.

Nesse sentido, em nome das finalidades sociais dos enunciados que organizam os gêneros discursivos, não se pode, ainda, dizer tudo o que se pensa em qualquer lugar e para qualquer pessoa, por isso a interdição configura-se como

especificidades dos textos e dos discursos. Assim, “[...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2005, p 49).

Tais questões são abordadas no livro “A Ordem do Discurso”, redigido para fins de conferência na Aula inaugural no College de France em dezembro de 1972. Nesse, Foucault (2005) discorre sobre os diferentes discursos que circulam em determinadas sociedades ou grupos sociais e reflete como esses discursos exercem funções de controle, limitação e validação de regras de poder destas sociedades e grupos. O autor chama nossa atenção para a questão do ritual que legitima tal prática tanto social, quanto discursiva. Para esse estudioso, o ritual:

[...] define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar os discursos; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem (op, cit. p.39)

Para além de um encadeamento de frases e um sistema abstrato de formas, o discurso é, para Foucault (2005), uma rede de signos que se conecta a outras tantas redes de outros discursos, em um sistema aberto e que registra, estabelece e reproduz não apenas significados esperados no interior do próprio discurso, mas os valores desta sociedade, que muitos entendem que devam ser perenizados.

O discurso é, pois, uma importante organização (ordem) funcional na qual se estrutura um imaginário social, ou seja, não é simplesmente uma representação de sentidos, mas um efeito de sentidos, um objeto de desejo que instaura relações de poder e dominação.

Dominique Maingueneau é linguista e professor da Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne, atua como pesquisador no *Centre d'études des discours, images,*

textes, écrits, communications (CÉDITÉC) e é membro do *InstitutUniversitaire de France*. Sua pesquisa, iniciada nos anos 1970, centra-se na Linguística e Análise do Discurso Francesa. O autor trata da Análise do Discurso Francesa, tendo como ponto de partida a inseparabilidade do texto e do quadro social de sua produção e circulação.

Para Maingueneau (1989, p. 120), o discurso é orientado socialmente, é organizado com fins sócio-comunicativos, é contextualizado, posto que é assumido por um sujeito, tem sua gênese em formações discursivas que compõem o *archéion*“ que associa assim intimamente o trabalho de fundação no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um corpo de enunciadores consagrados, e à elaboração de uma memória”(MAINGUENEAU, 2000, p. 7).

Para esse estudioso, o discurso é uma forma de ação sobre o outro, possui regras que orientam o *exercício da palavra publicamente proferida* (MAINGUENEAU, 2008, p. 11) e traz consigo o legado do interdiscurso, tomado aqui como um conjunto de unidades discursivas, que pertencem a discursos precedentes com os quais um discurso particular se relaciona implícita ou explicitamente, ou seja, os já-ditos.

Esse autor é da geração de pesquisadores da ADF, entretanto dialoga com o legado de Bakhtin (2003) ao considerar que o discurso é construído com uma finalidade social, logo se dirige a determinados lugares e pessoas. Isso porque os efeitos de sentidos derivam dos contextos específicos de onde partem tais enunciados, uma vez que esses, em diferentes contextos, correspondem a discursos também distintos.

Nessa perspectiva, compreendemos que não existe discurso neutro e nem as escolhas linguísticas são aleatórias. Elas se constituem de forma controlada e organizada (FOUCAULT, 2005) a fim de produzir os efeitos de sentido almejados e seu exercício de poder sobre o outro (ouvinte, leitor e ou telespectador). Isso se faz presente nos discursos de todas as esferas sociais, e no discurso religioso não é diferente. É justamente por causa das finalidades dos discursos litúrgicos e dos rituais que são exigidos de seus enunciadores em um determinado quadro social, que percebemos se estamos ou não no escopo de determinadas religiões. Nesse

estudo, analisamos, especificamente, o sermão midiático sobre Cura e Perdão, produzido pela Igreja Presbiteriana do Brasil, veiculado pela mídia televisiva na emissora Bandeirantes.

É justamente para essa parcela da sociedade que se encontra 'fora' de grupos religiosos ou inseguras naqueles a que pertencem, que esse programa vai agir, lançando mão da persuasão de forma mais eficaz, pois todo o discurso será organizado e controlado para interpelar tais sujeitos e produzir efeitos de sentidos que os convençam a inserirem-se nessa corrente, isto é, que eles passem a fazer parte dessa ordem do discurso veiculado por determinada igreja.

Para isso, seus enunciadores, valendo-se do seu *ethos*, apresentam argumentos de autoridade a partir do discurso religioso bíblico à guisa da Palavra de Deus; fazem uso de verbos no imperativo e em seu interdiscurso, é certo que há ativação da memória discursiva a partir dos preceitos filosóficos e doutrinários da igreja 'que vos fala' a fim de convencê-los.

Um exemplo é esse enunciado retirado do sermão, objeto dessa investigação (será apresentado no próximo capítulo) quando produz enunciados que retomam os princípios cristãos: "O perdão é necessário, porque fomos perdoados por Deus". Podemos perceber que a persuasão vem à tona pela opção linguístico-discursiva 'necessário' e pelo discurso da humildade e misericórdia de Deus, que sendo o Altíssimo, perdoa. Portanto, nós servos e pecadores também devemos ter a mesma atitude. Logo, a persuasão mostra-se vocalização nesse texto verbal-oral (extraído do programa de televisão) e também pela própria imagem de seu enunciador, o *ethos*.

Para Adilson Citelli (2007, p.61) uma das formas discursivas nas quais se reconhece a presença da persuasão é no campo religioso. Durante as enunciações na pregação, o paroxismo autoritário, quer dizer, a intensidade usada no tom da voz ou da escrita (do texto) eleva-se: "o eu enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado [...], posto que o pregador assume um *ethos* que já é esperado pela assembleia que tem também um decoro diante nesse quadro social. Isto é, os sujeitos vão para o culto ou a missa e sabem quais discursos serão ali proferidos.

Neste sentido, o discurso religioso tem uma singularidade: os enunciados ali materializados são, geralmente, inquestionáveis e está visível um *ethos* que é um comportamento de representante de Deus naquele quadro social (MAINGUENEAU,2008). A grande maioria dos fieis não ousa questionar os desígnios de Deus, mas aceitam os seus mistérios, mesmo sem compreender. Isso decorre dos preceitos doutrinários produzidos no interior de cada instituição religiosa e que os participantes acordam quando se filiam.

Deus não fala, dado ser uma realidade imaterial; quem fala em seu nome não é o dono o discurso, mas o agente que é apenas veículo, porta-voz, no máximo “interpretador” da palavra do Senhor, é um *ethos*. Os sujeitos que participam daquele contexto de pregação no qual a interpelação é fato, tem seu livre arbítrio: filiar-se ou não àquela instituição religiosa. Opta-se, então, entre aceitar a Jesus e seu projeto, o que implicará em obediência aos preceitos doutrinários e obrigações cristãs ou seguir em pecado.

Do ponto de vista sócio-linguístico, o discurso religioso persuade seus fiéis pelas escolhas linguísticas por meio do uso do imperativo, do vocativo; da função emotiva e do uso intenso de metáforas. No plano textual e discursivo, as igrejas valem-se parábolas e paráfrases: de um lado, a evocação alegórica, e, de outro, a presença do texto bíblico (CITELLI, 2005, p.65).

Assim, os efeitos de sentidos provocados pela persuasão no discurso religioso são materializados por formulações que mostram o poder, a onipresença e a onipotência de Deus. Esse discurso torna-se persuasivo e convincente, pois não se questiona a Palavra de Deus. Isso provoca um empoderamento dos líderes religiosos, pois quando falam, assumem um *ethos* inquestionável.

2.1 A constituição do *ethos* discursivo

O conceito de *ethos* etimologicamente tem sua gênese na Retórica de Aristóteles. Esse filósofo acreditava que o *ethos* tinha correspondência com o

caráter que o orador apresentava durante a enunciação. O termo refere-se, pois, à imagem que o enunciador mostra de si, no seu discurso, com a finalidade social de influenciar seus interlocutores. Embora a ADF use as terminologias ‘alocutário e destinatário’, optamos por usar ‘interlocutores’, pois nossa investigação é atravessada pelas concepções sociointeracionistas a partir de Bakhtin (2003) e Vygotsky (1998).

Tendo sido retomada em ciências da linguagem e, principalmente, na Análise do Discurso Francesa, sendo seu principal representante Dominique Maingueneau, a noção de *ethos* diz respeito às várias modalidades linguísticas e extralinguísticas da apresentação de si, no discurso, com intenção sempre persuasiva, por isso a pertinência de trazermos essa reflexão nesse estudo.

Se em todos os discursos há essa mostra de si de um sujeito que enuncia, no discurso religioso isso se intensifica, porque aquele que se coloca em uma pregação como ‘falando’ em nome de Deus, já tem um perfil esperado no imaginário social dos interlocutores. Logo, cria-se uma expectativa tanto quanto à postura física, a expressão verbal oral (timbre da voz), bem como em relação aos conteúdos temáticos que ali serão materializados, socializados e apropriados pelos interlocutores.

Além disso, ouvir o gênero ‘sermão’ já é algo internalizado (VYGOTSKY, 1998) pelos interlocutores que frequentam cotidianamente as igrejas e, por ter uma circulação social, até aqueles que não são assíduos nos eventos religiosos já ouviram falar sobre esse gênero. Todavia, não podemos esquecer que “(...) o *ethos* se mostra no ato de enunciação, mas não se *diz* no enunciado” (MAINGUENEAU, 2009, p. 268).

Assim, podemos afirmar que há uma *vocalidade* específica que permite relacionar o enunciador, *ethos*, a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem enuncia. O termo “tom” serve para referir-se ao verbal oral e escrito. Podemos falar do “tom” voz ou “tom” de um livro. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 71-72).

Mainqueneau (2008b) afirma que o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constitui por meio do discurso presente e não é apenas uma imagem do locutor exterior à fala. Quer dizer, é uma imagem, porém é mais do que isso. Afirma esse estudioso o quão complexa é a noção de *ethos*, posto que, por natureza, *ethos* é um comportamento e como tal congrega o verbal e o não verbal, produzindo efeitos de sentido em seus interlocutores (op.cit.).

Esse estudioso francês contemporâneo acredita e reafirma que o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro, assim afirma que:

[...] o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma imagem' do locutor exterior a sua fala; o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro; é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 17).

Deste modo, partimos do princípio que o *ethos* está associado à construção da imagem do enunciador no e pelo discurso em situações enunciativas específicas e não corresponde a qualquer opinião prévia que se tenha sobre sua pessoa. Podemos falar, então, que há uma distinção entre *ethos*, a imagem do enunciador e o seu perfil 'real'. O *ethos* não necessariamente é o sujeito em si, mas um comportamento assumido durante determinadas enunciações vinculados em quadros sociais específicos.

É como se as ideias se apresentassem pela forma de dizer que é também uma maneira de ser, que por vezes estão ligadas às representações e normas de postura do corpo em sociedade. Ou seja, da posição que o sujeito ocupa nas esferas sociais e aquilo que se espera de alguém que ocupa tal lugar. Em uma situação de pregação em um culto ou missa, a assembleia espera um decoro típico de quem enuncia.

Disso decorre o estranhamento da assembleia quando um padre ou pastor rompe com alguns protocolos cristalizados sócio-historicamente. Por exemplo, quando alguns padres assumiram-se como cantores e passaram a se apresentar em programas de televisão; ou ainda, quando tomam algumas posturas político-partidárias durante a pregação.

No imaginário social, quando anunciamos a chegada do pastor evangélico na hora de abrir uma cerimônia religiosa ou algum ritual, já está na nossa memória discursiva os possíveis e previstos conteúdos e comportamentos que organizam seu discurso e a sua enunciação naquele quadro social, que não se desvinculam (MAINGUENEAU,2008b). Isso não significa que tal expectativa não possa ser rompida. Dessa forma, as propriedades discursivas de um gênero estão ligadas às condições de enunciação que vão desde o estatuto do enunciador até o *ethos*.

Podemos inferir, então, que o *ethos* é construído no discurso a partir das opções feitas pelo enunciador, quer dizer, pelas decisões linguísticas e estilísticas que toma. Isso acontece, porque há uma inseparabilidade do *ethos* no quadro social em que age. Maingueneau ratifica:

A problemática do *ethos* pede que não se reduza a interpretação dos enunciados a uma simples decodificação; alguma coisa da ordem da experiência sensível se põe na comunicação verbal. As ideias suscitam a adesão por meio de uma *maneira de dizer* que é também *uma maneira de ser*. Apanhado num *ethos* envolvente e invisível, o co-enunciador faz mais que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne. O poder de persuasão de um discurso deve-se, em parte, ao fato de ele constranger o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, seja ele esquemático ou investido de valores historicamente especificados (MAINGUENEAU, 2008b, p. 29).

Para Amossy (2008), ao produzir um discurso, o enunciador deixa entrever a imagem de si, pois como afirma Bakhtin(2003) tanto o gênero do discurso sinaliza o conteúdo a partir das finalidades, quanto aquele que fala ou escreve traz consigo um estilo que se mostra pelas escolhas linguístico-discursivas, no conteúdo temático e, nesse, ele mostra suas crenças, saberes e vontade de verdade, ou seja, deixa pistas

linguísticas que levam o interlocutor a saber quem vos fala, não a pessoa em si, mas o *ethos* que está inserido naquele quadro social.

Retomemos a questão da *vocalidade* posto que por meio dela podemos inferir sobre o *ethos*. Esse se apresenta por meio de três características: *tom*, *caráter* e *corporalidade*. O *tom* diz respeito ao discurso contido no ato de enunciar; o *caráter* é o conjunto dos traços psíquicos de quem enuncia e a *corporalidade* refere-se às características físicas e ao modo de agir e tudo isso dentro do quadro social de onde se enuncia (MAINGUENEAU, 2009). Ratifica Fiorin que “o *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito” (2008, p.139), ressaltando, também, que o *ethos* não se encontra totalmente explícito no enunciado, mas, sim, na enunciação (FIORIN, 2008, p. 139).

Enfim, embora seja muito complexo apresentar uma concepção acerca do que, de fato, seja *ethos*, posto que é um objeto de estudo ainda recente no campo da Análise do Discurso Francesa, Maingueneau (2008b) afirma que o *ethos* está “crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do enunciador antes mesmo que ele fale” (p.15).

Dessa forma, o autor estabelece uma distinção entre *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O pré-discursivo refere-se à imagem que os interlocutores criam antes mesmo que o enunciador tome a palavra, ou seja, realize a enunciação por meio de aspectos vários como o gênero que será enunciado, o conteúdo, a esfera de socialização do discurso, entre outros. O *ethos* discursivo, por sua vez, corresponde a imagem criada durante e após o processo da enunciação.

2.2 Ethos e discurso religioso

Para Análise de Discurso de Linha Francesa, “o sujeito é entendido como efeito discursivo, não causa e origem do discurso. O sujeito se constitui no ato enunciativo e também constitui o outro, o sujeito alocutário”. (MATTOS, 2005).

Essa premissa coloca o sujeito como parte integrante dos sentidos que se

poderão produzir mediante determinadas materialidades discursivas. Essas, em si, não trazem consigo sentidos plenos, porque serão produzidos na interação com os sujeitos nas situações enunciativas.

Afirma Mattos (2005,p.34): “os discursos que configuram uma determinada comunidade, cultura, sociedade dialogam entre si, com os discursos que os antecederam, com os contemporâneos e com discursos futuros”. Quer dizer, há se evocar uma memória discursiva que aciona os já-ditos e, esses, podem ratificar, romper e ainda instituir novos sentidos para esses discursos.

No discurso o ‘outro’, ou seja, o interlocutor é parte constituinte do mesmo, porque está presente no seu processo de elaboração, agindo e influenciando em sua forma e sentidos. O interlocutor existe no momento da produção dos textos, da definição do gênero (BAKHTIN, 2003), por isso, como afirmara Foucault (2005), os discursos são organizados, controlados e regidos a partir das finalidades e do quadro social (MAINGUENEAU, 2008b) que participarão.

Em se tratando de discurso religioso, o sujeito é uma das partes que o faz acontecer. Ele é um representante de um universo simbólico, onde Deus, Senhor de todas as coisas é o Rei dos reis absoluto, que possui todo poder e à medida que se relaciona com os homens, intervém em suas vidas alterando suas práticas sociais e discursivas (FAIRCLOUGH, 2001).

Nessa interrelação entre o divino e o humano, ou seja, Deus e os homens, os papéis são fixos, pois o homem é apenas um representante de Deus, e assumindo um *ethos* o faz direcionado pela igreja com seus preceitos doutrinários, dogmas, rituais, cerimônias e o seu livro sagrado, a Bíblia, no caso dos cristãos.

Na Sagrada Escritura, o sujeito encontra todo o respaldo, orientação e autoridade para agir dentro das diferentes esferas sociais, bem como nos momentos específicos de pregação, onde seu *ethos* revela-se. Vale ressaltar que seu *ethos* constitui-se pelo pré-discursivo (a expectativa dos interlocutores antes que ele tome a palavra oral ou escrita) e o discursivo (durante e após sua pregação).

Como em outros campos discursivos, a palavra é o território no qual as relações de poder tomam forma. No discurso religioso é pela palavra que as práticas sociais e discursivas que as atitudes se legalizam. No entanto, diferentemente dos demais campos, no religioso essas palavras trazem consigo um discurso ideológico controlado capaz de persuadir e interpelar o sujeito a assumir uma nova postura ao ponto de deixar algumas práticas para assumir outras. Como já dissera Bakhtin:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 1999, p. 36)

O contato com o discurso religioso, oral ou escrito, oportuniza-nos a entender como constituem-se as vontades de verdades das pessoas, cujos enunciados remetem ao discurso de representantes do cristianismo como pastores, bispos, presbíteros, entre outros. Todos os seus discursos, ancorados nas doutrinas cristãs a partir da Bíblia Sagrada e dos aspectos filosóficos de cada igreja, trazem consigo as opções linguístico-discursivas e estilísticas, constituídas de outras vozes que ecoam nessas novos textos e discursos vindos de variadas formações discursivas, conjecturando assim o interdiscurso. Segundo Maingueneau, o discurso não existe por si só, mas depende de 'outro', o sujeito, para se materializar e produzir seus efeitos de sentidos.

Por exemplo, ao tematizar o perdão, muitos enunciados já foram produzidos sociohistoricamente, porém é um conteúdo recorrente no interior das instituições religiosas, que ora retomam para ratificar nossa condição de pecador e nos orientam para a realização de práticas sociais que nos levem ao perdão; ora rompem com essa nossa condição, quando afirmam que ,uma vez arrependidos e não tornando a ter atitudes que vão de encontro às doutrinas cristãs e bíblicas, vivenciamos a cura, felicidade e a salvação por meio do perdão que é o oposto de pecado.

Assim, todas as *formações discursivas* que compõe o *arquivo* (FOUCAULT, 2009) vão sendo retomadas em um movimento de regularidade (quando entre

objetos há recorrência de discursos) e dispersão (aquilo que sendo do mesmo campo associado, reaparece com novos outros sentidos).

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] (FOUCAULT, 2009, p. 43)

Dessa forma, a linguagem, a língua e o estilo encontrados no discurso religioso, que se materializa nos gêneros discursivos verbais orais e escritos, nas práticas sociais, nos rituais e nas cerimônias interpelam os sujeitos e configuram-se como elementos persuasivos, sendo enunciados por um *ethos* cuja finalidade é sustentar a premissa de um “mundo” espiritual governado por um ser supremo, Deus, a quem os fiéis devem seguir incondicionalmente.

2.3 O sermão religioso: um gênero persuasivo e um discurso constituinte

As comunidades discursivas produzem, consomem e fazem seus discursos circularem no sentido de disseminar uma vontade de verdade como se fossem detentores dos saberes únicos. Maingueneau (2013) chamou-os de *discursos últimos*. Por isso, os sujeitos de uma comunidade procuram sempre cristalizar para além do tempo e dos espaços, as suas doutrinas e dogmas por meios multimidiáticos cada vez mais persuasivos como internet, televisão, *smartphones*, outdoors, livros, camisetas entre outros.

Entre esses discursos de circulação social está o religioso que se faz presente em diferentes gêneros multimodais. Nesses tempos de dinamização das tecnologias de comunicação e informação e com acesso à internet e ao *smartphone* é possível ler e ouvir diferentes discursos religiosos e enviá-los aos amigos.

Além disso, esses textos podem ser emoldurados por meios de videoclipes que conjugam o verbal oral, verbal escrito e o verbal imagético com imagens fixas ou em movimento. Dentre esses gêneros do campo religioso temos trechos bíblicos,

cânticos, salmos, orações, palestras, sermões, entre outros. Todos esses os recursos audiovisuais e sinestésicos, inclusive, o *ethos*, são usados para persuadir os interlocutores físicos ou virtuais que acessam esses discursos.

Nessa investigação, tomamos como objeto de estudo o gênero sermão, posto que o quadro social no qual nos debruçamos para compreender o discurso religioso foi o programa televisivo “Verdade e Vida”, produzido pela Igreja Presbiteriana do Brasil. Nessa igreja, o sermão é a parte mais longa da liturgia, disso nossa opção por esse gênero.

A palavra sermão vem do latim *sermo* que significa maneira de falar. Entendemos o sermão como ‘um jeito de dizer’, de ensinar e anunciar as verdades espirituais e religiosas baseadas em escritos sagrados, que têm a Bíblia Sagrada como um discurso fundante, ou seja, todos os discursos religiosos das igrejas cristãs têm sua gênese nas sagradas escrituras.

O gênero sermão religioso pode ser definido como discurso, falado ou escrito, que obedece às normas próprias do gênero. É um gênero cuja persuasão exige uma corporalidade manifestada pela oralização, proselitismo, opção linguístico-discursiva, tom de voz específico coerentes com o *ethos* que o enuncia, seja por meio do texto oral e ou escrito, físico ou virtual.

É o texto em que o líder religioso proclama as vontades de verdades cristãs, usando como referência palavras dos escritos sagrados de uma determinada religião ou crença, constituindo um discurso organizado e controlado com finalidades específicas de ‘arrebatar’ seguidores levando-os a aceitarem a Palavra de Deus.

O sermão traz consigo doutrinas de determinado segmento religioso a fim de interpelar, alertar e convencer os fiéis a se adequarem a elas, conseguindo assim um estado de pureza moral em relação aos demais sujeitos, levando-os, ainda, a assumirem os ritos e as regras daquele seguimento perante uma comunidade religiosa.

Todas as comunidades religiosas têm seus rituais de culto as suas

divindades. Cada grupo possui seu próprio modelo de adoração, segue uma sequência litúrgica durante os encontros nas igrejas ou templos. Em se tratando de comunidade cristã evangélica, onde está situado nosso objeto de estudo, geralmente, segue-se a seguinte ordem: orações, cânticos congregacionais, momento em que se abre espaço para os fiéis verbalizarem seus testemunhos e, por último, o sermão, comumente chamado de pregação.

O sermão tem um tempo de destaque dentro da programação da Igreja Presbiteriana. Toma cerca de 30 minutos, enquanto os demais acontecimentos têm um tempo inferior a este. Toda a liturgia é dirigida pela autoridade eclesiástica da igreja: pastor ou bispo, ou por alguém designado por ele e que também exerce uma função de autoridade, todos assumem um *ethos* frente à assembleia.

Esse *ethos* designado para enunciar a liturgia na Igreja Presbiteriana e nas demais, ocupa um posicionamento de sujeito na sociedade, que é definido pelo seu discurso, resultante de suas experiências, vivências, sua formação, seu contexto histórico-social.

Dos variados discursos perceptíveis em uma sociedade, temos alguns que Dominique Maingueneau chamou de “discursos constituintes” (MAINGUENEAU, 2013). Essa terminologia tem matriz francesa e corresponde àqueles discursos que se colocam acima dos outros em circulação no meio social. Diferentemente dos demais, são considerados os últimos portadores da “vontade verdade”, ou seja, apenas por meio destes é que as ações coletivas têm um sentido e uma razão.

Para Maingueneau (2013) os discursos religiosos, os científicos, os filosóficos, entre outros, são exemplos de discursos constituintes, porque à medida que se manifestam, reivindicam para si a posição de verdade absoluta. Um fim em si mesmo e há, por parte da sociedade, uma crença nos posicionamentos que seus enunciadores tomam. Diz Maingueneau:

[...] quando há um debate sobre um problema social, solicita-se a opinião dos sujeitos que falam em nome da religião, da ciência, da filosofia [...] Tem-se, com efeito, a impressão de que os discursos dos

quais eles são porta-vozes são, de alguma forma, discursos últimos, para além dos quais não há senão o indizível, de que eles se confrontam com o absoluto (MAINGUENEAU, 2013, p. 6)

Para ser considerado discurso constituinte, o discurso precisa ter uma fonte legitimadora dos seus sentidos, com características próprias, uma espécie de estatuto regulador. No discurso religioso, por exemplo, vemos a recorrente busca dos fundamentos encontrados nos escritos sagrados, no caso, a Bíblia Cristã, cujos preceitos são o limite e, ao mesmo tempo em que limita outros discursos.

Aos cristãos alguns comportamentos são cerceados em nome da fé e da igreja a que pertencem. Por exemplo, quando a sociedade discute a questão das violências físicas, morais, verbais e sociais, cada instituição produz seus discursos que revelam um interdiscurso baseados em suas crenças, tradições e verdades. Nessa ordem do discurso constituinte está o religioso.

O discurso religioso tece seus argumentos arraigados na vontade de Deus, nos princípios cristãos que evocam a solidariedade, a justiça divina e a condenação da sociedade que produz essas violências. Por exemplo, ao tematizá-las com foco nas crianças pode-se recorrer a formulações diretas como: “Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais, pois o Reino dos céus pertence aos que se tornam semelhantes a elas. E, depois de ter-lhes imposto as mãos, partiu dali”. (MATHEUS, 13;19).

Dessa forma, independente do tema tratado, cada campo associado traz a suas formações discursivas com base nos seus valores e nas suas crenças. Assim, qualquer discurso estará sempre atravessado por suas ideologias e relações de poder. Vale ressaltar que o discurso constituinte não pode ser considerado como uma tipologia fixa, rígida, mas como “um estatuto tipológico um tanto incerto”, porque:

São elaborados localmente, no seio de grupos restritos que não se ocultam por trás de sua produção, que a moldam por meio de seus próprios comportamentos [...]Um discurso constituinte não mobiliza somente os autores, mas uma variedade de papéis sociodiscursivos encarregados de gerir os enunciados” (MAINGUENEAU, 2006, p. 69)

Explica esse supracitado autor, que a constituição do discurso constituinte está pautada em duas dimensões indissociáveis: - a constituição como ação de estabelecer legalmente, como processo mediante o qual o discurso se instaura regrando sua própria emergência no interdiscurso; - os modos de organização, de coesão discursiva, a constituição no sentido de estruturação de elementos que compõem uma totalidade textual.

O caráter constituinte de um discurso confere-lhe uma posição privilegiada em relação aos demais textos. Por essa posição elevada, recebe a designação de *arquitextos* e temos como modelo o discurso religioso. Nele encontramos inscrições que podem e defendem vários posicionamentos tendo como base apenas um texto *fundador*, um texto *primeiro* ou *fonte*, a Bíblia.

Além disso, os seus representantes: pastores, líderes... atribuem-lhe o papel de discurso último, detentor absoluto da verdade, ou como diz Foucault (2009), 'vontade de verdade' posto que essa não existe, *a priori*, mas é produzida socialmente. Segundo Maingueneau (2013), o discurso religioso enquadra-se devidamente dentro da categoria dos discursos constituintes.

2.4 A Retórica

A Grécia antiga, na cidade de Atenas, aproximadamente em 427 a.C. é o cenário de origem da retórica, ou arte de convencer e persuadir, como também é definida. Nesse momento a Grécia experimentava uma nova modalidade de governo: a democracia.

Essa nova forma de governar baseava-se nos princípios do legislador Sólon, em que a principal arma de domínio era a palavra pela arte de “bem falar e de argumentar com as pessoas, nas assembleias populares e nos tribunais. (ABREU 2009,.27)”.

A retórica era exercida por mestres que se denominavam *sofistas*, sábios, pois se consideravam os detentores da sabedoria, dentre os que mais se

destacaram estão: Protágoras e Górgias. Eles tinham um conhecimento de mundo ampliado devido a sua atividade ser itinerante e isso os possibilitava mostrar aos seus alunos que uma questão poderia ter inúmeros pontos de vista.

Entre as questões discutidas e defendidas pelos professores de retórica recém chegados a Atenas, era a de que muitos costumes não são naturais, pelo contrário, são criados e impostos socialmente. Os costumes que uma sociedade tem não são os mesmos de outra. A arte de convencer exerceria nesse momento o poder de convencer os ouvintes acerca da veracidade do que era exposto através de técnicas de convencimento.

A retórica opunha-se à filosofia da época, porque tinha como fundamentos de seu estudo as teorias dos pontos de vista ou paradigmas aplicados, enquanto a filosofia de Sócrates e Platão tratava da análise de dicotomias como verdade ou mentira, bom ou mal etc. Em seus primeiros passos, a retórica lançou-se ao estudo de verdades científicas, ou, de natureza heurística, cuja finalidade era “descobrir temas conceituais para discussão” (ABREU, 2009.29). O principal tema estudado por Górgias foi “o direito que a paixão tem de se impor sobre a razão”.

Para defender esse ponto de vista, ele escreveu um discurso sobre a mitologia grega: história de Helena, em 414 a.C o qual intitulou *Elogio de Helena*. Nesse texto o autor defende que, apesar de Helena ser casada com Menelau e está ligada a ele por razões legais e morais, poderia, sim, se apaixonar por Páris.

A retórica antiga chegou ao seu apogeu por meio de Aristóteles. Nascido em Estagira, no norte da Grécia, em 384 a.c., morreu na ilha de Euboea em 322 a.C. Aluno de Platão na Academia, fundador de sua própria escola - o Liceu - e tutor de Alexandre, o Grande, Aristóteles foi o primeiro sofista a elevar a retórica ao estatuto de estudo sistemático das diversas disciplinas das artes e ciências que surgiam como entidades separadas pela primeira vez no século IV a.C., inclusive no que diz respeito à definição dos conceitos básicos e das relações entre cada uma.

Esse ilustre mestre definiu as bases da retórica em sua obra “Arte Retórica”. Nessa o sofista “elabora uma conceitualização da retórica dividindo-a em categorias

e dando nomes às diversas técnicas utilizadas, a exemplo do que fez em diversos outros campos do conhecimento (PACHECO, 2014)". Por essa razão a obra se tornou de grande importância para o estudo dos textos e dos discursos desde aquele tempo até os dias de hoje.

Aristóteles, no livro "Arte Retórica", classifica a retórica em gêneros, entretanto esses irão variar a depender dos objetivos a que se propõem. Eis os gêneros: *deliberativa*, se o auditório tiver que julgar uma ação futura; *judicial*, se o auditório tiver que julgar uma ação passada; e *epideítica*, se o auditório não tiver que julgar ações passadas nem futuras. Ainda afirma que o discurso é composto basicamente, no mínimo, de quatro elementos: *exórdio*, *enunciação da tese*, *prova* e *epílogo*.

Parafraseando Pacheco (2014), podemos dizer que a função do exórdio é tornar o auditório receptivo à atuação do orador e fornecer uma introdução geral ao discurso, tornando claro seu propósito. Quanto aos meios de prova utilizados podem ser não-artísticos ou artísticos. Entendemos como meios de prova não-artísticos aquelas em sentido estrito, nas quais há evidências concretas tais como testemunhas ou documentos. A seguir, a descrição de Pacheco sobre os meios de prova:

Meios de prova artísticos são os argumentos inventados pelo orador, e podem ser de três tipos: aqueles derivados do caráter do próprio orador, que empresta sua credibilidade à causa (*ethos*); aqueles em que o orador procura lidar com as emoções do auditório (*pathos*); e aqueles derivados da razão (*logos*).

Os argumentos lógicos apresentam-se sob duas formas: induções, ou o uso de exemplos, e deduções, chamadas em retórica de "entimemas". O entimema, ou silogismo retórico, é aquele tipo de silogismo em que as premissas não se referem àquilo que é certo, mas àquilo que é provável e tem importância fundamental para a retórica, porque na maioria dos casos em que estão em jogo assuntos humanos nem sempre se pode basear a argumentação naquilo que é verdadeiro, mas apenas no que é verossímil.

O epílogo tem por objetivo deixar no auditório uma boa impressão do orador (e uma má impressão de seu oponente) e recapitular brevemente os pontos principais do discurso (PACHECO, 2014, p. 05).

Esses elementos e suas funções serviram e ainda servem de base para a

elaboração de sermões de diferentes áreas. No entanto, com o passar do tempo e com a queda do Império Romano, a retórica foi caindo em descrédito e passou a ser substituída pelo pensamento cartesiano

Segundo Pacheco (2014, p. 8), durante muito tempo a retórica ocupou o lugar de “mera prática mundana composta de prosaicos artifícios estilísticos”. Até que no século XX muitos estudiosos e filósofos começaram a considerar e tentar resgatar a retórica como um objeto de estudo, tendo-a como um importante recurso teórico para o estudo da filosofia da linguagem e à filosofia dos valores.

Impelido por esse anseio, foi que o estudioso Chaim Perelman, filósofo de origem polonesa radicado na Bélgica, desenvolveu a teoria nova retórica. A princípio, ele procura produzir uma lógica, com critérios definidos para aferição dos juízos de valor, em que se anule a possibilidade de que cada indivíduo atribui o valor que considerar adequado a determinada questão, mas estabelece critérios que nortearão os juízos feitos pelos indivíduos de modo geral.

No entanto, esse filósofo acabou por descobrir que não existe uma lógica dos juízos de valor, mas que, em todos os campos do conhecimento existem opiniões múltiplas e quase sempre se alcança o consenso por meio de técnicas de argumentação como dialética e a retórica. Essas são usadas se chegar a uma opinião geral sobre determinado valor e a sua aplicabilidade.

Uma das principais obras em que Perelman divulgar a sua tese é *Traité de l'argumentation*, escrito em parceria com L. Olbrechts-Tyteca. O conceito de acordo é fortemente defendido por ele nessa obra. É apresentado em uma perspectiva muito diferente da cartesiana; naquela, o acordo é a consequência de uma verdade – comprovada - que é apresentada, no entanto, para a nova retórica acordo tem uma conotação muito diferenciada.

A noção de acordo torna-se necessária, contudo, nos casos em que "faltam ou são insuficientes os meios de prova e, sobretudo, quando

o objeto do debate não é a verdade de uma proposição, mas sim o valor de uma decisão, de uma opção ou de uma ação, consideradas como justas, equitativas, razoáveis, honrosas ou conforme o direito. (PACHECO, 2014, P. 08).

Assim, o acordo passa a ser o resultado de um interesse comum entre os interlocutores. São acordos prévios estabelecidos entre o público e o orador que satisfaçam os anseios, os desejos dos integrantes da situação. E esse resultado independe de verdade ou mentira, porque o fator determinante é, na verdade, se o que é proposto satisfaz ou não ao auditório.

O auditório é um aspecto importante na teoria da argumentação desenvolvida por Perelman. Pois, sendo o auditório "o conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso", é de suma importância que o orador conheça-o. Sabendo a posição do auditório em relação a determinado assunto ou questão, o orador terá uma facilidade muito maior em elaborar um discurso que se adeque ao seu interesse e terá maiores possibilidades de convencê-lo.

Outros conceitos destacados na teoria da retórica são dados e interpretação. O orador apresenta o dado ao seu auditório e em uma linguagem comum, por isso, com possibilidades maiores de ambiguidade e imprecisão. Nesse momento entra em cena a relevância da interpretação, pois um mesmo dado pode suscitar inúmeras interpretações (PACHECO, 2014).

Para fazer seu auditório abraçar a interpretação pretendida pelo orador, este fará uso das técnicas de argumentação. A argumentação pode ser apresentada em dois aspectos: positiva e negativa. A positiva reforça o dado apresentado já que, de certa forma, é conhecido e aceito pelos interlocutores; enquanto a argumentação negativa faz o caminho inverso. Nos dois tipos de argumentação, faz-se o uso dos argumentos de ligação que são divididos em três classes: os argumentos quase lógicos, os argumentos fundados na estrutura do real, e aqueles que fundam a estrutura do real.

Argumentos quase-lógicos são aqueles que se aproximam dos da lógica

formal, mas que não são expressos com a mesma rigidez, nem têm mesmo valor conclusivo, já que faz uso linguagem comum, por isso, é impossível exterminar “toda a ambiguidade nem remover do argumento a possibilidade de múltiplas interpretações” possibilitada por esse tipo de linguagem.

Assim, para cada argumento lógico, cuja validade é provada e comprovada e, conseqüentemente, tido como um dado verdadeiro na lógica formal, teremos também um quase-lógico de estrutura semelhante, que através da arte de persuasão tentará se aproximar o máximo daquele.

Os argumentos baseados na realidade, como o próprio nome já nos informa, são aqueles fundamentados na relação entre elementos da realidade; podendo ser argumentos de *sucessão ou coexistência*. Os por sucessão são aqueles que mantêm uma relação de causa e efeito; para exemplificar essa relação existente Pacheco (2014) cita o argumento pragmático dos resultados alcançados por uma adesão a determinada tese.

Para o autor, os argumentos por sucessão são aqueles que envolvem realidades de diferentes ordens, onde uma seja essência e a outra a manifestação exterior dessa essência. É o que acontece com a argumentação que procura associar o caráter de uma pessoa a seus atos. De acordo com o posicionamento do autor, o orador, diante da realidade controversa, construirá um discurso que tente convencer o seu auditório a mudar os conceitos estabelecidos por outros que se aproxime do valor pretendido por ele.

Portanto, a retórica faz uso da persuasão por um determinado discurso e lança mão somente da argumentação para ganhar a adesão intelectual ou de comportamental, de princípios de seu auditório. É importante destacar que a teoria da argumentação não se preocupa, no primeiro momento, em provar que a tese trazida por seu discurso é verdadeira ou falsa, mas sim em fazer com que seus ouvintes a acolham.

Para que se tenha esse resultado, recorre ao uso da linguagem comum, do dia a dia, sem uso de palavras técnicas ou termos mais rebuscados, isso acontece

porque o autor do discurso dirige-se a pessoas de diversos níveis sociais, mas que se disponibilizaram por várias razões a ocuparem posição de interlocutores (auditório) em quadros sociais específicos.

Todos esses conceitos são fundamentais para que se obtenha o fim a que se propõe à retórica, que não é tão somente modificar conceitos sobre determinado objeto ou assunto, mas também e, principalmente, alterar comportamentos. Veja o que afirma Pacheco (2014, p. 01), sobre a referida questão:

A retórica não se limita a transmitir noções neutras e assépticas, mas tem sempre em vista um determinado comportamento concreto resultante da persuasão por ela exercida, já que se propõe a modificar não só as convicções, mas também as atitudes. (PACHECO, 2014, p. 01)

No posicionamento do autor supracitado, evidencia-se a principal função da retórica: convencer o auditório de que o discurso apresentado é digno de aceitação, mudando assim os conceitos antigos e, conseqüentemente, os seus comportamentos. Disso decorre a importância dos aspectos da retórica quando falamos em discursos constituintes a exemplo do discurso religioso.

3. APORTES EM FOUCAULT PARA ESTUDO DO DISCURSO RELIGIOSO: A ARQUEOLOGIA COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Michel Foucault (Paris/1926-1984) foi filósofo, historiador das ideias, teórico social e escritor. Seus estudos abordam a relação entre poder e conhecimento e sua aplicação como forma de controle por meio das instituições sociais. Foucault foi diplomata cultural, professor chefe do Departamento de Filosofia da universidade a Paris VIII e publicou entre outros livros, “A Arqueologia do Saber” e “Vigiar e Punir”. Nesses livros desenvolveu métodos arqueológicos que enfatizavam os jogos de poder na evolução do discurso na sociedade.

É desse lugar social que ele entra na ordem do discurso de uma linha de teóricos estudiosos da linguagem que ficou conhecido nos anos 60 como A Análise do Discurso de Linha Francesa. A ADLF constituiu-se como uma prática de estudo das linguagens cuja especialidade consiste em analisar as diversas formulações presentificadas na constituição dos discursos e na produção dos efeitos de sentidos.

Nesse trabalho, interessou-nos a entrada na ordem do discurso religioso, por isso tratamos de refletir sobre a interpelação presente no discurso religioso em um dos sermões da Igreja Presbiteriana do Brasil, veiculado no Programa “Verdade e Vida”. O objetivo geral da nossa investigação foi compreender como é construída a persuasão no sermão “Perdão: a cura das emoções”, ministrado pelo Reverendo Hernandes Lopes. Nossos objetivos específicos foram analisar as formulações que constituem esse sermão e descrever as especificidades dos enunciados que marcam a presença do *ethos* e da persuasão.

O *corpus* foi constituído por um discurso de origem cristã evangélica da Igreja Presbiteriana do Brasil da cidade de Vitória no Estado do Espírito Santo-ES. O discurso está materializado no gênero discursivo sermão intitulado “Perdão: a cura das emoções” extraído do programa televisivo “Verdade e Vida”, uma produção midiática da Igreja Presbiteriana do Brasil, transmitido pelo canal aberto da emissora Bandeirantes, no dia 14 de abril de 2013 às 10h:30min. A enunciação foi feita pela Reverendo Hernandes Dias Lopes, considerado pelos seus signatários, um ícone no *ethos* de pastor. Atualmente esse sermão está disponível no

endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=x9y-tb2-MtA> .

Para realização das nossas análises, ancoramo-nos nos princípios teórico-metodológicos contidos na supracitada obra “A Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2009) a partir do método da descrição-interpretação, recorrendo às categorias de análise de base foucaultiana: *enunciado*, *interdiscurso*, *formação discursiva* e *arquivo*, estabelecendo uma relação entre saber, poder e persuasão.

Para esse autor, o método arqueológico tem grande valia para estudar as ciências humanas, cujos fatos que permeiam a existência humana constituem-se como acontecimentos, logo, discurso. Para Foucault (op.cit), o discurso é um conjunto de acontecimentos que estão ancorados no domínio da materialidade, mantendo uma relação de coexistência com outros acontecimentos dispersos, que vão se acumulando, dividindo-se e sofrendo modificação no decorrer do tempo.

É nesse sentido que os fatos para esse autor devem ser vistos a partir da Nova História, que ele enxerga de forma interrompida e descontínua, levando-nos a perceber que as pessoas não são afetadas na mesma temporalidade. Isto significa dizer que para Foucault (2009), a História não é o que comumente estudamos enquanto disciplina escolar, ou seja, fatos e personalidades com seus feitos heroicos e situados temporalmente em uma linha do tempo, sendo esse o mesmo para todos.

Esse autor fala-nos de uma História Geral que marca diferentes acontecimentos que não atingem a todas as pessoas ao mesmo tempo, acontecimentos que geram discursos que se encontram, se rompem e se atravessam. Disso decorrem as diferentes temporalidades para diferentes pessoas.

Logo, é válido dizer que uma pessoa pode pertencer ao mesmo grupo social em uma mesma época cronológica, entretanto, pode viver temporalidades diferentes por uma série de razões, entre elas de ordem afetiva, econômica e social e cultural. Por exemplo, algumas pessoas sensibilizam-se diante de um sermão no qual o *ethos* tende a persuadi-las com muita facilidade; outras escutam, analisam e até concordam com o discurso ali apresentado, todavia, não aceitam Deus como fonte de vida a partir dos preceitos daquela determinada igreja naquele dado momento,

mas pode acontecer de tempos depois haver um aceite.

Assim, o discurso remete-nos a pensar no sujeito e sua articulação com a sociedade, logo com outras pessoas e com os acontecimentos que permeiam essas relações interpessoais e intrapessoais, o que nos leva a considerar, segundo a abordagem foucaultiana, que somos sujeitos históricos, que produzimos discursos e somos também interpelados pelos discursos do outro.

Logo, *discurso, enunciado, formação discursiva, interdiscurso e arquivo* (FOUCAULT, 1972) são categorias de análise fundamentais para quem se propõe a fazer análise do discurso na perspectiva da Análise do Discurso de Linha Francesa. É a partir dessas que se constitui o método arqueológico traduzido no movimento da Descrição-Interpretação.

Dessa forma, o analista decide qual acontecimento impulsiona seu interesse, seleciona e organiza sua série enunciativa e sobre ela lança sua escuta sensível. Às vezes, a análise é de apenas um *corpus*, dada às condições espaciais e temporais de produção dessa escuta para fins de análise. Nesse trabalho, após assistirmos alguns sermões, optamos apenas por um sobre perdão e cura.

Nesse sentido, o movimento de descrição-interpretação que gera essa escuta pode ser sintetizado por um esquema que contempla o *enunciado* que remete ao *discurso*, materializado pelas séries enunciativas que revelam os modos de subjetivação, posto que vêm de *formações discursivas* que constituem o *arquivo*, isto é, tudo o que a sociedade produziu sobre um dado acontecimento.

São nesses modos de falar dos objetos que se buscam as regularidades e a dispersão que organizam os arquivos (memória discursiva). Desta forma, consideramos que para a “função enunciativa” se manifestar, o enunciado necessita de um referencial, um sujeito, uma materialidade e um campo associado. Quer dizer, precisamos de sujeito, alguém que a partir de suas finalidades sociais diversas produza ‘um dizer; esse materializa-se por diferentes gêneros do discurso, inclusive multimodais, no caso do sermão analisado nesse trabalho e todos os discursos são produzidos no interior de uma determinada esfera social ou campo associado: da

religião, da saúde, da educação, da estética, da arte, do jurídico. Elas formam o feixe de sentidos que constituem o arquivo de uma sociedade e que conduz a manifestação dos enunciados.

Este arquivo está dentro do nível da linguagem em que fica o conjunto de todos os discursos produzidos sociohistoricamente. Quando o analista identifica o enunciado, depara-se com o segundo movimento de análise, pois é necessário ajustar a descrição dos enunciados à análise das formações discursivas que o instauram. Em outras palavras, é preciso saber de onde vem esses sermões e por que seus enunciados aparecem dessa forma e não de outra. Entra em jogo as relações de poder das instituições com suas vontades de verdades sobre seus fiéis.

São os arquivos que congregam as formações discursivas. Essas correspondem ao conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definem em cada época dada e para cada área social e econômica, geográfica ou linguística às condições do exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2009), isto é, os dizeres.

Esse estudioso chama de “formação discursiva as diferentes práticas de diversos enunciados que se formam e se entrecruzam, estabelecendo entre eles uma regularidade e ou dispersão nos discursos que falam de um mesmo objeto”(op.cit. p. 35). Os enunciados de uma formação discursiva sempre se avizinham a outros, pois as formações discursivas se cruzam, havendo uma heterogeneidade inerente a elas. Além disso, uma formação discursiva não está completa, ela deixa lacunas e pode fazer aparecer novas possibilidades de discurso.

Por isso, cabe aos interlocutores recuperarem tais vazios que remetem aos silenciamentos e apagamentos (aquilo que não se pretende mostrar ou dizer) contidos nos diferentes nas formulações vindas das formações discursivas, ou seja, dos textos. Isso porque o que diferencia o enunciado caracteriza-se por ser ele produzido, levando em consideração o momento e a forma como ele aparece.

Em “A Ordem do Discurso” (2009), Foucault mostra como a produção do discurso é guiada, distribuída e organizada em todas as sociedades por

procedimentos que têm por função tramar seus poderes e perigos, conter seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada temível materialidade, (grifos do autor), assim, nos propusemos compreender a prática do discurso religioso veiculado na mídia televisiva.

Todas as formulações (enunciados) são elaboradas, controladas e pensadas para persuadir e interpelar o *pathos*, ou seja, os interlocutores (fieis, assembleia, auditório). Isso, por vezes, é feito via argumentos de autoridade que o interlocutor menos experiente vai acatar sem questionar. Nesse sentido, a ADLF contribui para a formação de leitores críticos e proficientes, inclusive dos discursos religiosos.

Compreendemos que os meios multimidiáticos tem se constituído como um poderoso ‘enunciador’ de interesses políticos, econômicos e sociais, assumindo o papel de informar, formar e interpelar os sujeitos. As instituições religiosas perceberam isso e fazem um uso competente dessa ferramenta: as mídias, inclusive a radiofônica e a televisiva.

É nesse contexto de inserir nos sujeitos valores, crenças e comportamentos que a sociedade utiliza-se dos discursos midiáticos. O enunciador tem toda uma preocupação ao descrever, escolher a imagem, selecionar o discurso sempre carregado de conceitos, preceitos e ideias para persuadir e interpelar aqueles que se deparam com essas produções que são publicizadas nos multimeios. Todas as formulações são organizadas, controladas e reguladas tendo em vista as metas a serem atingidas, via os efeitos de sentido que produzem.

Todas as estratégias proporcionadas pela língua e linguagem configuram-se como um jogo que os multimeios utilizam para influenciar os sujeitos a assumirem determinados comportamentos, desenvolverem um gosto por algo, a acreditar em “certas verdades” produzidas e veiculadas por ela, ou seja, o discurso sempre provoca uma interpelação.

Segundo Gregolin (2003b), a mídia adapta e induz comportamentos e os modos de vida quando inventa símbolos que alimentam o imaginário social. Para a autora, a sociedade midiática da atualidade está fundamentada pelos espetáculos

fantasiosos. A criação dessa ilusão de unidade do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos midiáticos.

Como o próprio nome parece indicar, as mídias desempenham o papel de mediação entre os interlocutores, as pessoas e as realidades sociais. O que os textos e discursos midiáticos oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao sujeito produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.

Nesse sentido – como construtora de imagens simbólicas – a mídia participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social, no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em relação aos outros. Dessa percepção vem a visualização dos sujeitos como parte de uma coletividade (GREGOLIN, 2003b, p. 97).

Essa questão de espetáculo fantasioso também acontece quando o tema é a “conquista de fieis”, pois desde que a mídia abriu espaço para o discurso religioso, as diferentes igrejas utilizam-se dela para atingir a massa, seu auditório, e assim reforçam a permanência dos que a elas já são filiados e buscam novos outros adeptos.

As igrejas desenvolveram técnicas para produzirem a sua imagem a fim de conquistar e interpelar seu *pathos*. Para isso, eles se vestem com estilo clássico e sóbrio, falam pausadamente, buscam a proximidade com o telespectador ao olhar direto para a câmara de projeção, gesticulam com maior frequência e valem-se da simplicidade de seus discursos, pois os textos curtos e simples chegam com um impacto maior, produzindo efeitos de sentidos e revelando a memória discursiva em enunciados que se misturam no cotidiano popular.

Nesse sentido, as igrejas valem-se de paródias e de paráfrases bíblicas para construir seus discursos; cuidam de suas opções linguístico-discursivas e estilísticas; recorrem às fragilidades da condição humana, apresentam Deus como Poderoso e Supremo, mas dotado de misericórdia, o que nos deve servir de exemplo, além do *ethos* que protagoniza o quadro social ‘missa’, ‘culto’ ou mesmo a

liturgia exibida nos programas veiculados nas mídias.

3.1 Breve histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil

Com vistas a inserir o nosso leitor no contexto religioso da personagem produtora do sermão em estudo, fizemos um breve histórico da instituição religiosa a que pertence como também os princípios e doutrinas que norteiam os seus sermões, logo as práticas discursivas e sociais vigentes nessa instituição cristã.

O Rev. Hernandes Dias Lopes é membro da Igreja Presbiteriana do Brasil, fundada em 1859, como produto do trabalho do missionário norte americano *Ashbel Green Simonton* (1833-1867), juntamente com o Reverendo José Manoel da Conceição (1822-1873), o primeiro pastor evangélico brasileiro. Eles foram às principais personagens a fincaram os princípios e doutrinas presbiterianas no território nacional.

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) é uma comunidade cristã, guiada pelos princípios da Reforma do século XIX, momento em que o catolicismo medieval foi questionado pelo monge alemão Martinho Lutero (1483-1546) a partir de 1517. Hoje, a IPB é um conjunto de igrejas, mais 3.500 unidades espalhadas por todo o território nacional que possuem uma mesma forma de governo, uma teologia, bem como um padrão de culto e de vida comunitária. Sempre primando pela proclamação de uma mensagem sagrada – Evangelho de Jesus Cristo - que promova transformação não só espiritual, mas também social. Para alcançar tais objetivos, têm como base os princípios e doutrinas elencados abaixo:

1. *Soberania de Deus*: cremos que Deus reina soberanamente em todo universo. Ele não é refém do acaso e nem é surpreendido por qualquer evento no tempo e na eternidade. Ele sustenta todo o universo, é o Todo Poderoso, Criador de tudo o que há. É infinitamente Santo, Justo, Sábio, Bom, Pura Luz, Fogo Consumidor e Incomensurável Amor;
2. *Só as Escrituras*: sustentamos a supremacia da Bíblia Sagrada como única regra infalível de fé e prática. Ela é a Revelação completa e final de Deus para toda a humanidade. Dela extraímos e derivamos todo o conselho de Deus para a sua amada Igreja. Todas as demais contribuições a respeito de conhecimento e ciência relativos a Deus devem passar pela aprovação da Sua Palavra;

3. *Só a Graça*: defendemos o ensino bíblico quanto ao estado insolúvel de queda e separação entre o homem e Deus. Não há qualquer forma de o homem conseguir merecimento para a sua reconciliação com o seu Criador. Deus, de si mesmo, proveu salvação pela Sua infinita Graça a fim de resgatá-lo;

4. *Só a Fé*: afirmamos a necessidade de todas as pessoas darem crédito às Sagradas Escrituras, a seus ensinamentos e a Jesus Cristo como único e suficiente Senhor e Salvador de suas vidas. A fé é o meio escolhido por Deus para salvar, por graça, o homem;

5. *Só a Deus dar Glória*: diante de tão grande salvação, todos os atos dos cristãos devem ser norteados para glorificar a Deus, nada fazendo para autopromoção, mas por gratidão, louvor e adoração a Deus que primeiro nos amou. Nesse sentido, enfatizamos a necessidade de uma vida pessoal correta, íntegra e santa de cada crente e da prática de atos de amor e misericórdia ao próximo, como marcas de autenticidade da fé professada. (LOPES, 2012, p.1)

A Igreja Presbiteriana do Brasil é a primeira representante de origem reformada e calvinista no Brasil, no entanto não é a única. Existem outras denominações com orientação luteranas que surgiram de *cisnes* (rompimentos) com IPB e, outras que foram fundadas por imigrantes vindos de outras regiões do mundo como, por exemplo, da Europa continental, tais como suíços, holandeses e húngaros.

Entre as muitas denominações temos: Igreja Presbiteriana Independente, a Igreja Presbiteriana Conservadora, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1903), com sede em São Paulo; Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), com sede em São Paulo; Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1956), com sede em Recife; Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (1975), com sede em Arapongas, Paraná, e Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (1978), com sede no Rio de Janeiro.

A IPB denomina-se a religião verdadeira por resultar de uma Fé Reformada em cujas bases estruturantes norteiam-se por “todas as doutrinas apostólicas estabelecidas na Bíblia e formuladas em credos pelos grandes concílios ecumênicos da Igreja Primitiva (MATOS, 2014)”. O historiador presbiteriano, Rev. Alderi Souza de Matos, denomina a fé reforma, conseqüentemente, a Igreja Presbiteriana do Brasil “[...] como um relacionamento com Deus, através da mediação de Jesus Cristo, baseado no Evangelho revelado por Ele e pelas Escrituras Sagradas”.

3.2 O programa televisivo “Verdade e Vida”

O programa de televisão em canal aberto “Verdade e Vida” é produzido pela Igreja Presbiteriana do Brasil, igreja reformada que, segundo descrição encontrada na página oficial da igreja na internet, possui como manual de regra de fé e prática, a Bíblia Sagrada.

O referido programa traz como slogan: *Verdade e Vida tem a missão de adorar a Deus e propagar o Evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo de forma autêntica e fiel às Escrituras Sagradas.* O programa é transmitido semanalmente, aos domingos (já fora exibido no sábado) pela manhã, em rede nacional no canal de televisão aberto, BAND. Hoje é coordenado pela Agência de Evangelização e Comunicação da igreja (APECOM) que está no ar há mais de oito anos. Sete anos pela REDE TV (rede nacional) e agora há dois anos pela BAND (rede nacional).

O apresentador do programa é o Reverendo Hernandes Dias Lopes, natural de Nova Venécia-ES. Lopes, desde 1985, é o pastor titular da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória-IPB, uma igreja fundada em 26 de dezembro de 1928, e ao longo da sua história tem pregado o evangelho e ganhado amplitude ao ponto de implantar outras igrejas por todo o estado Espírito Santo.

Reverendo Hernandes Dias Lopes fez o seu curso de Bacharel em Teologia no Seminário Presbiteriano do Sul em Campinas-SP no período de 1978 a 1981 e o seu Doutorado em Ministério no *ReformedTheologicalSeminary*, em Jackson, Mississippi, nos Estados Unidos no período de 2000 a 2001. Foi pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Bragança Paulista no período de 1982 a 1984. Também é membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil, diretor executivo da revista “Luz para o Caminho” e pastor colaborador da Igreja Presbiteriana de Pinheiros em SP. Também é conferencista e escritor, com mais de 100 obras disponíveis neste site.

Ressaltamos que a presença da internet com suas redes sociais tem servido

de ferramenta para a divulgação do Evangelho e dos princípios doutrinários de diferentes igrejas. A IPB, seguindo essa tendência contemporânea, possui *facebook* e os vídeos com palestras e sermões estão disponibilizados no youtube no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=x9y-tb2-MtA>.

3.3 Vontade de verdade em o “Perdão: a cura das emoções”

O *corpus* em análise no presente estudo é constituído por um sermão veiculado na mídia televisiva e pela internet. Como já fora citado, nossa análise ancorou-se em Foucault (2009) pelos princípios do método arqueológico da Descrição-Interpretação e pelas noções de *ethos* a partir dos estudos de Dominique Maingueneau. O sermão “Perdão: a cura das emoções” foi cotejado na busca de refletirmos sobre a interpelação e persuasão que se constroem nesses discursos religiosos midiáticos.

Começamos a nossa análise a partir do título do programa televisivo “Verdade e Vida” e do sermão “Perdão: a cura das emoções”. Ambos deixam transparecer indícios da necessidade dos interlocutores, *pathos*, modificarem seus comportamentos a partir da prática do perdão, pois ele cura a alma e, assim, assegura a vida, livrando os fieis das doenças da mente, logo do corpo. O perdão aparece como garantia da cura das emoções.

Os nomes do programa e do sermão, remete-nos à memória discursiva, percebida apenas por interlocutores que tenham um mínimo de conhecimento sobre as religiões cristãs ou tenham a prática social da leitura da Bíblia Sagrada. O enunciado “Verdade e Vida” tem sua gênese no campo associado religioso a partir de formações discursivas sobre Jesus como a única verdade e vida.

Assim, o nome do programa traz consigo o interdiscurso, posto que o texto bíblico faz parte do arquivo religioso, ou seja, o enunciado ‘verdade e vida’ reaparece no nome do programa com outro sentido, mas na mesma ordem do discurso religioso, anteriormente esse enunciado já havia aparecido em outro quadro social em uma narrativa na Bíblia Sagrada, no capítulo 12 do Evangelho de São João, quando os apóstolos conversavam com Jesus: *Indagou-Ihe Tomé: “- Senhor,*

*não sabemos para onde vais; e como poderemos conhecer o caminho?” Assegurou-lhes Jesus: “- Eu sou o Caminho, a **Verdade e a Vida**. Ninguém vem ao Pai, senão por mim”(JOÃO:14;5).*

A IPB, sabiamente, apresenta o programa como o ‘caminho’ que leva ao Pai e esse é, sem dúvida, a Verdade e a Vida. Há uma coesão marcada pelas escolhas linguístico-discursivas que dialogam e constroem a coerência com as finalidades sociais da igreja, que tem no programa televisivo o suporte para veicular sua doutrina e vale-se do sermão para interpelar o *pathos*.

O sermão “Perdão: a cura das emoções”, ministrado pelo Rev. Hernandes Dias Lopes, tem como texto fundante a carta do Apóstolo Paulo de Tarso à igreja de Colossos, em um trecho no qual o escritor destaca a necessidade da prática do perdão. Eis as palavras do Apóstolo Paulo de Tarso: “*Suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra o outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também*” (COLOSSENSES 3.13).

O sermão é um gênero discursivo, constituído pela estrutura composicional, pelo conteúdo temático e seu estilo, ou seja, as unidades da língua e a estilística (BAKHTIN, 2003). Quanto a estrutura composicional, observamos que o sermão apela para a nova retórica, pois traz consigo um proselitismo marcado pela corporalidade de seu enunciador, *ethos*, que exige uma vocalização específica, construída pelo ‘tom’ para que seja enunciado com fins de persuadir a assembleia.

O conteúdo temático vem de um campo associado que o filia na ordem do discurso religioso e constituinte, uma vez que se coloca como ‘discurso último’ e isso é ratificado no slogan: O programa “Verdade e Vida” *tem a missão de adorar a Deus e propagar o Evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo de forma autêntica e fiel às Escrituras Sagradas*.

Essa formulação vem de uma formação discursiva extraída do arquivo social sobre a função social das igrejas. Entretanto, justificando porque Maingueneau considera esse tipo de discurso como constituinte, podemos observar que a IPB coloca-se com ‘verdadeira e única’. Isso se mostra também na linguagem imagético-

verbal que compõe a vinheta da BAND que divulga o programa (vide 3.4).

Observamos que ao construir o *slogan* do programa que publiciza suas liturgias cristãs, a IPB opta linguístico-discursivamente pelos termos “autêntico e fiel” que denotam a ‘vontade de verdade’ e o desejo de ‘ser único’ representante de Deus na sociedade. Fica evidenciado que a finalidade social dos discursos materializados no sermão e nas demais liturgias cristãs que estão no escopo desse programa é propagar ‘vontades de verdade’ sobre a doutrina dessa igreja, cuja base está nas Sagradas Escrituras, a Bíblia Cristã.

A Carta do Apóstolo Paulo de Tarso, extraída da Bíblia Sagrada, norteará todo o discurso do reverendo durante sua enunciação. O mesmo, assumindo um *ethos*, empenhar-se-á de convencer o seu auditório, o *pathos*, da necessidade de não guardarem sentimentos como mágoa, rancor e outros tipos de ressentimentos.

O discurso materializado no sermão propaga a mudança de comportamento, ou seja, é necessário que os fieis exerçam o perdão. Os enunciados que defendem a prática social do perdão ancoram-se no campo associado da religião e da medicina. O primeiro é visível, porque a Carta do Apóstolo Paulo de Tarso surge como discurso fundante. Nessa carta, o apóstolo explicita o princípio bíblico de que o perdão resulta na “sintonia” com Deus e na cura.

Observamos que o discurso sobre perdão, nesse sermão, é atravessado pelo campo associado da medicina, ao evocar a cura, que é antítese de doença. Os enunciados sobre a medicina são organizados ora discursivizando sobre a doença, ora a cura.

A prática social de ‘não perdoar’ provoca doenças nas pessoa como ilustram os enunciados extraídos do sermão (impresso/anexo): *Há pessoas doentes e perturbadas; traumas e abusos sofridos na infância; Espreme o pus da ferida; o ódio abriu feridas; nenhum calmante químico pode aliviar a dor; produz muitas doenças.*

A prática do perdão, por sua vez, produz a cura e essa ideia vem materializada nas formulações encontradas no texto analisado: *O perdão é o melhor*

remédio para a saúde emocional; O perdão é a assepsia da alma; a faxina da mente; Cirurgia os abscessos da alma; traz cura completa para o corpo; O perdão passa o óleo terapêutico da cura, onde o ódio abriu feridas.

Ressaltamos que há uma recorrência ao enunciado ‘o perdão é necessário’, enfatizando que é fundamental para os fieis adotarem essa prática social como possibilidade de se reconciliarem com Deus, que é a única Verdade e a Vida e, uma das condições para isso é o perdão aos irmãos.

O texto em estudo encontra-se dividido em quatro pontos norteadores: a) *o perdão é necessário, porque temos queixa uns dos outros;* b) *o perdão é necessário, porque fomos perdoados por Deus;* c) *o perdão é necessário, porque por meio dele restauramos relacionamentos perdidos* e d) *o perdão é necessário para experimentarmos plena felicidade.*

Ao iniciar o sermão, o pregador trata logo de trazer um parágrafo onde por várias vezes faz uso de expressões como: *perdoar é o melhor remédio...*, *perdoar é a assepsia da alma...*, *perdoar é lembrar sem sentir*, *perdoar é zerar a conta...*, entre outras; esses enunciados estão sempre precedidos pelo verbo ‘*ser*’ no presente do indicativo, que denota a finalidade social do discurso que se traduz na afirmação de que a salvação vem do perdão e perdoar é condição inexorável para alcançar a vida eterna e é motivo da enunciação do *ethos*.

Esse, sendo um representante de Deus, enfatiza a importância e a necessidade de que as pessoas que o estão assistindo não deixem de praticar esse princípio, caso estejam vivendo ou venham a vivenciar circunstâncias que exijam delas uma tomada de decisão em perdoar ou não a quem lhes feriu.

A repetição do verbo ‘*é*’ reforça o argumento pretendido pelo *ethos*: *assim como Cristo nos perdoou, devemos perdoar a quem nos fez algum mal.* Esse discurso do perdão é retomado nas formulações que aglutinam dois argumentos extraídos do arquivo sobre a bondade de Deus perante os homens pecadores.

Em “*O perdão é ato de misericórdia e manifestação da graça*” observamos

que o conectivo 'e' articula e aditiva a 'misericórdia' com 'graça'. O primeiro corresponde a benevolência de Deus para com os pecadores; o segundo a infinita bondade de Deus que concede dádivas e graças aos fieis que buscam a Sua Palavra.

Assim como qualquer discurso que circula no meio social, há nesse sermão a começar pelo título, a persuasão na tentativa de convencer os fieis a praticarem o perdão como princípio de salvação e de gozo da vida eterna. Por isso, o discurso é explorado, controlado e organizado a partir dos efeitos de sentidos pretendidos por quem o produz. Mediante o campo a que se filia, a constituição do discurso demanda escolhas linguístico-discursivas também persuasivas.

Nesse sermão, a organização e controle do discurso centram-se tanto no estilo, quanto nas discursivizações, quando recorrem aos argumentos de autoridade, quer dizer, a autoridade de Deus, como podemos perceber nos enunciados que seguem: *O perdão é necessário, porque fomos perdoados por Deus; Aqueles que retêm o perdão ao próximo fecham-se para receber o perdão de Deus; Deus nos perdoou devemos nós também perdoar uns aos outros. Quando compreendemos a enormidade do perdão recebido por Deus, não temos mais motivos para sonegar perdão ao próximo. Nossa dívida com Deus era impagável e Deus no-la perdoou completamente.* O *ethos* sedimenta a necessidade do perdão a partir do exemplo dado por Deus e é enfático ao afirmar ser o perdão a condição para a vida plena com Deus: *Na verdade, no céu só entrarão os perdoados.*

O sermão é construído inicialmente pela constatação das fragilidades da condição humana: *temos queixa uns dos outros; Nós não somos perfeitos, não viemos de uma família perfeita, não temos um casamento perfeito, não temos filhos perfeitos nem frequentamos uma igreja perfeita; nós decepcionamos as pessoas e as pessoas nos decepcionam.* Essas condições colocam as pessoas suscetíveis ao pecado.

Na segunda parte, observamos que há a certeza de pecado, dada as nossas fragilidades: *nós temos queixas uns dos outros.* Quando 'essas queixas' se intensificam, *ficamos entupidos de mágoas e a mágoa gera raiz de amargura no*

coração. Não somente isso, a amargura perturba a pessoa que a alimenta e contamina as pessoas ao redor; O ressentimento é autofagia, é autodestruição. A mágoa produz muitas doenças.

O *ethos* parece perceber a resistência dos fieis frente ao desafio de perdoar. Então, ele retoma acontecimentos narrados da Bíblia. Essa atitude mostra-nos que é da condição humana errar, pecar, mas também perdoar. *O perdão é necessário porque por meio dele restauramos relacionamentos feridos. A Bíblia não oculta o perigo devastador da mágoa dentro da família e da igreja. Exemplos como Caim e Abel, José e seus irmãos, Absalão e Amnon retratam essa amarga realidade. Há pessoas feridas dentro do lar e também na assembleia dos santos.*

É nesse sentido que o *ethos*, buscando interpelar o *pathos*, passa a descrever o perdão como a cura para os males, por isso ser uma prática social necessária: *O perdão passa o óleo terapêutico da cura, onde o ódio abriu feridas; O perdão promove reconciliação onde a indiferença quebrou relacionamentos; O perdão expressa o triunfo da graça, onde o ódio mostrou a carranca do desprezo; O perdão é necessário para experimentarmos plena felicidade.* Há nesses enunciados um discurso sobre perdão e felicidade e essa está atrelada aos preceitos cristãos de vida em comunhão com Jesus.

Observamos uma recorrência de explicação para fins de convencimento sobre o ato de perdoar, marcada pelo conectivo 'porque', que é ratificado no enunciado pelo termo 'necessário': *O perdão é necessário porque temos queixas uns dos outros; O perdão é necessário porque fomos perdoados por Deus; O perdão é necessário porque por meio dele restauramos relacionamentos; O perdão é necessário porque para experimentar pela felicidade.*

Em outro momento do sermão, encontramos o "autor" fazendo uso do termo *logo* - *Logo, é impossível ser um cristão sem exercitar o perdão* – pelo qual introduz um enunciado de conclusão ao que fora mencionado anteriormente. Ao fazer a escolha por esse termo e não outro, instauramos questões caras para a ADLF. Ou seja, há evidência de que a língua é opaca (ORLANDI,2010), mas não é neutra e nem aleatória.

Somado a esse fato, no decorrer do texto são usadas palavras como ‘*precisa*’ e ‘*devemos*’ que são verbos no imperativo, usados como indicadores modais que exprimem uma obrigatoriedade ao sujeito, por esse ou aquele motivo, a exercitar o perdão.

Outrossim, o perdão não deve ser encarado como uma virtude ou troféu que o homem exhibe. Essa questão fica nítida no enunciado: *Não fomos perdoados por mérito, mas por graça. Perdão não é reivindicação de direito, mas o clamor solícito da misericórdia*, não podemos deixar de constatar a existência de argumentos que se contrapõem pela presença do operador ‘*mas*’.

No primeiro enunciado temos uma afirmativa que exclui todo mérito humano para o ato do perdão, pelo contrário, e é exatamente o que destaca o enunciado que segue, *mas o clamor solícito da misericórdia*, ratificando que o mesmo é fruto da ‘*graça*’ e da ‘*misericórdia*’ de Deus para com seus seguidores, práticas normalmente almeçadas pelos adeptos do cristianismo.

A cada retomada sociohistórica desse sermão, novos outros efeitos de sentidos serão produzidos. Não temos a pretensão de esgotar todo o discurso ali materializado, entretanto, podemos afirmar que em toda a sua constituição é perceptível o desejo de um ‘discurso último’, discurso constituinte e de uma vontade de verdade tão intensa, marcada não apenas pela materialização das formulações com suas opções linguístico-discursivas, mas, sobretudo por toda a persuasão que se estende da linguagem até a o *ethos*.

3.4 O sermão na TV

Tem se tornado um clichê afirmar que, de posse de um *smartphone* com internet e com acesso aos canais de televisão, as pessoas têm um mundo em suas mãos. Isso se confirma, porque a internet é uma ferramenta necessária para dinamizar a comunicação, promover o entretenimento, acessar informações, armazenar dados como informações, músicas, filmes, programas entre outros.

A televisão por sua vez, não tem sido tão atrativa em relação aos *smartphones*, mas ainda é uma fonte de informação e entretenimento muito popular dada à facilidade de acesso tanto ao equipamento, quanto ao custo dos serviços que oferecem, pois em tv aberta, paga-se apenas o consumo de energia.

Fora isso, temos nesses meios multimidiáticos a veiculação de textos e discursos multimodais, ou seja, aqueles que conjugam, simultaneamente, vários modos de representação das ideias. Áudio, imagem fixa ou em movimento, enunciados verbal-oral e verbal-escrito, cores estão presentes em videoclipes, telenovelas, noticiários e programas de entretenimento e de conhecimento. Desse mecanismo tecnológico e sinestésico surge o termo multimodalidade. GutnerKress e Van Leeuwen (2006) tratam do conceito de multimodalidade a partir do sistema de composição que pode incluir uma página de jornal, um programa televisivo ou a tela de um computador, como sendo textos visuais que combinam com o verbal e o não verbal e ainda possibilitam a inclusão em sua composição de outros elementos gráficos além desses.

Assim, o texto multimodal caracteriza-se pelos diversos códigos semióticos combinados para a realização de seus significados. Por conseguinte, lê-se também pelos sentidos. Essas características inserem o sermão, no quadro social do programa “Verdade e Verdade’ na apresentado na tv, como um texto multimodal.

Acessar a multimodalidade de um hipertexto, por exemplo, seria trazer à visibilidade suas interfaces com outros modos semióticos de representação, além do verbal, tais como pictórico, o sonoro ou a organização espacial. Ao fazê-lo, buscamos privilegiar em cada modo sua contribuição para o todo como uma unidade de significação, como um “texto integrado”. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 177).

Todas as instituições perceberam o potencial dessas mídias e vem incorporando esses recursos persuasivos em suas práticas sociais. Entrando nessa ordem de divulgação de ideias por meio do discurso midiático, estão as instituições religiosas. Os programas de propagação da fé cristã com transmissão ao vivo de

missas, cultos e pregações já fazem parte da rotina da programação de algumas emissoras de tv, isso quando a dona da emissora não é a própria igreja.

É crescente o número de fieis que professam sua fé a partir desses multimeios. Os enunciadores desses programas, por sua vez, ao assumirem um *ethos*, elaboram seus discursos e desenvolvem estratégias discursivas e corporais para assegurar a presença dos fieis frente a 'tela'. Olhar direto na câmara de projeção, aproximar a lente até o enunciador, usar termos como 'você, meu amigo que está nos assistindo', 'reze conosco', 'pegue sua Bíblia' entre outros enunciados são recursos de persuasão para garantir não apenas a audiência do programa, mas para conquistar os fieis e arrebatá-los para o universo sagrado a partir dos preceitos e doutrina da religião que enuncia por meio de um *ethos* discursivo.

Figura 01. Cartaz exibido na Rede Bandeirante.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=programa+verdade+e+vida+da>+ Acesso out 2015

A IPB entrou nessa ordem discursiva e tem veiculado o Programa “Verdade e Vida”, uma das grandes conquistas da Igreja Presbiteriana no Brasil em evangelização, segundo seus criadores. O programa foi criado em 2006 com produção e direção da Luz Para Caminho Comunicações. Tem cerca de mais de 120 gravações e exibições, todas transmitidas nacionalmente em tv aberta e tem como pregador oficial do programa o Reverendo Hernandes Dias Lopes

O programa “Verdade e Vida” aborda temas teológicos em um formato simples: Formato HD; Duração:30 minutos; Apresentação: Rev. Hernandes Dias Lopes;Veiculação: Rede Bandeirantes de Televisão em rede Nacional aos domingos às 11h45. Hoje os programas já estão disponíveis no youtube.

Vamos fazer uma breve análise das estratégias desenvolvidas pelos produtores do programa “Verdade e Vida” a partir de alguns enunciados verbais e imagético-verbais selecionadas para esse estudo e que foram retirados da internet. Ressaltamos que após assistirmos ao programa da Rede Bandeirante, buscamos outros quadros sociais nos quais o sermão “Perdão: a cura das emoções” reapareceu. Portanto, algumas figuras aqui apresentadas foram extraídas de exibições diversas, por isso a mudança da roupa usada pelo reverendo.

A Figura1 remete-nos ao cartaz de divulgação do programa na Rede Bandeirantes. Os enunciados verbais apresentados informam o dia “todos os domingos” e horário da exibição do programa “Verdade e Vida”, 11h45. Aquele enunciado que interpela o telespectador, fiel ou um fiel a ser conquistado, é objetivo e preciso, constituído pelo verbo no Imperativo “Assista”, seguido do nome do programa e da esfera social midiática que o veicula “Rede Band”.

Observamos quanto à materialidade imagética que há um destaque da imagem do reverendo Hernandes Dias Lopes, sem o mesmo exibir-se a si próprio, ou seja, há apenas a exibição de um *ethos* já presente no imaginário social de quem se propõe a assistir esse tipo de programa, instaurando um decoro tanto de quem vai assistir, quanto de que vai apresentar o programa.

A imagem do reverendo traz uma corporalidade específica desse *ethos*: aparência higienizada, barba feita, cabelo clássico, uso de óculos que marcam ‘certa intelectualidade’ para o senso comum, a vestimenta caracterizada pelo terno sóbrio e o sorriso contido, mas intenso e direcionado para o *pathos*. O verbal-imagético traduz em palavras e logomarca os nomes dos patrocinadores do programa: Igreja Presbiteriana do Brasil, Rede Band e da Agência Presbiteriana de Evangelização e Comunicação (APECOM).

O enunciado que informa o dia e a hora aparece emoldurado pela silhueta de um aparelho de televisão. O cartaz traz em si diferentes modos de representar as ‘vontades de verdade’ que interpelam os sujeitos. Entre os já citados, acrescentamos a presença da ‘cor verde’ nas faixas superior e inferior que emoldura a Figura1.

De acordo com a simbologia das cores, uma tendência nas estratégias de *marketing*, o uso das cores são considerados aspectos importantes na constituição de enunciados. Elas têm significados diferenciados e são usadas para produzir efeitos de sentidos a partir das sensações que despertam nas pessoas, por isso estão presentes na criação de sites, lojas virtuais, marcas e qualquer outro material que possibilita um ponto de contato de divulgação de ideias e conceitos.

A cor tem o poder de atração, estímulo de confiabilidade e inúmeras influências persuasivas. O verde remete à natureza, transmite saúde, frescor, equilíbrio e harmonia. Na IPB essa cor é muito presente como mostraremos nas próximas figuras.

Figura 2. Cartaz de divulgação do programa



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=programa+verdade+e+vida+da>+ Acesso out 2015

A Figura 2 também faz referência à divulgação do programa. Predomina a cor verde como figura de fundo. Aparece ainda a cor amarela dando destaque ao dia da semana em que o programa é exibido. Há também uma variação do tamanho da fonte, sendo a maior para destacar o nome e o horário do programa. A imagem que expressa o nome da emissora aparece em forma de um quadrado com uma fina faixa sobreposta na parte superior que remete à memória das placas 'claquetes' muito presentes nos processos filmagem e gravação.

Claquete é um dispositivo usado no cinema e audiovisual para identificar os planos e tomadas rodados durante a produção, e

também para ajudar na sincronização entre imagem e som. É normalmente formada por uma peça maior, onde são escritos os dados de identificação da tomada, e uma menor, articulada, que é batida contra a peça principal, provocando um ruído característico. O nome *claquete* vem do francês *claquette*, que produz um ruído seco e estrepitoso. (HOUAISS, 2010, p. 715.)

Ainda descrevendo e analisando esse gênero discursivo, observamos que a imagem do reverendo continua sem referência textual ao mesmo, a corporalidade permanece a mesma, embora dessa vez apareça meio corpo, dando um destaque para o enunciador, que olha fixo e sorridente para seu *pathos*. O terno abotoado, braços alongados ao perfil do corpo e novamente o mesmo sorriso contido, mas intenso, tanto interpelam seu auditório quando revelam o cuidado de si (FOUCAULT, 2009).

O cartaz é atravessado imagetivamente e discursivamente. O primeiro diz respeito a uma faixa retangular com tom de cinza claro, que traz uma imagem, a logomarca do programa (analisada em outra imagem); o segundo está abaixo dessa, onde está veiculado a ‘vontade de verdade’, marca de um discurso constituinte expresso não somente pelo discurso, mas pelas escolhas linguístico-discursivas “possui única regra de fé e prática a Bíblia Sagrada”.

Esse enunciado remete-nos ao conceito de ‘discurso último’, um dos postulados de Maingueneau (2008b), produzido pelo campo associado da Análise do Discurso de Linha Francesa.

Figura 3. Foto extraída durante a exibição do programa Verdade e Vida.



Na Figura 3 podemos ver que o plano de fundo apresenta de um lado um aparelho de tv com a logomarca do programa bem ao centro e do outro lado, há uma ilustração de uma paisagem que traduz tranquilidade, ao conjugar as imagens das águas calmas do mar que se somam ao horizonte, tendo o Sol como ponto de luz. A predominância da cor verde, corrobora a simbologia das cores que afirma ser a tranquilidade, o frescor, o equilíbrio e a harmonia os significados traduzidos por essa tonalidade.

Na tv, o plano de fundo apresenta um verde degradê e ao centro, também na cor verde está a logo do programa. Essa está dentro de uma esfera onde predomina a cor verde e tem silhueta de uma folha semelhante ao trevo de quatro folhas que aparece de ponta cabeça, marcando a divisão da esfera: do lado superior a folha que se encontra com uma linha branca bem ao centro da esfera. Na parte inferior tem o nome do programa com destaque para a palavra 'VERDADE' em caixa alta e 'e vida' impresso em fonte menor.

A ilustração da paisagem com elementos da natureza predomina em todo o cenário do programa: abaixo da tv podemos ver uma plantação de margaridas, flor do campo que representa a simplicidade e frescor; a legenda que exhibe o nome do reverendo aparece sob uma faixa com tons de verde e traz uma silhueta do trevo de quatro folhas seguida da identificação do seu nome.

Podemos, ainda sobre a paisagem, inferir um discurso muito presente no campo associado da religião que, por meio de metáforas, prega Jesus como sendo a única "Luz do mundo". Disso decorre nossa leitura sobre a presença do Sol no final da paisagem. É como se todos os filiados à Igreja Presbiteriana do Brasil estivessem, por suas práticas sociais, a caminho da luz, o Sol, que seria símbolo de Deus: único Caminho, Verdade e Vida, pois aparece bem abaixo dessa paisagem a sigla "IPB".

Quanto à figura do reverendo, o seu *ethos* deixa o corpo falar, isto é, dirige-se ao *pathos* a partir da uma fisionomia que parece insistir no conceito da aceitação de Jesus por meio da prática do perdão e de que as pessoas aceitem a Palavra de Deus. O olhar do reverendo está em sintonia com suas mãos abertas e voltadas

para os telespectadores.

Toda a enunciação é permeada por olhares, gestos e timbre de voz. Ora essa vocalização torna-se branda quando fala das doenças provocadas pelas mágoas, pelo ato de não perdoar e guardar ressentimentos; ora exalta-se quando afirma que o “perdão é necessário” e para convencer, traz argumentos de autoridade e ao postular que Deus, em sua graça e misericórdia, perdoa, portanto, devemos seguir o mesmo exemplo do Pai, o Altíssimo.

Figura 4. Foto extraída durante a exibição do programa Verdade e Vida.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=programa+verdade+e+vida+da> Acesso out 2015

Seguindo o *ethos* já representado no imaginário social do seu auditório, o reverendo, também na Figura 4, segue sua pregação, deixando seu corpo traduzir força e a fé presente no discurso sobre a cura pelo perdão, enunciado por meio de um sermão midiático. Olhar firme, ora terno, movimento dos lábios e postura ereta ao buscar a interação com o auditório são estratégias de persuasão usadas pelo *ethos* para atingir as metas propostas pelo discurso religioso da IPB.

Ressaltamos que na tendência sobre a cor verde, vinda do campo associado da simbologia das cores, o verde extrapola o uso da cor. Traduz-se no uso de plantas naturais. Observamos que o painel de madeira que figura no cenário tem uma planta natural dialogando com a cor da parede e as imagens que aparecem na tv. O programa tem o cenário coerente com o discurso professado.

O conceito da necessidade do perdão é uma condição para o equilíbrio, o frescor da alma e do corpo, é a cura das doenças. Em nossa sociedade, há uma cultura de que a cor verde significa esperança e vida e, nenhum adereço seria mais significativo do que uma planta natural no cenário para simbolizar a vida e uma vida em Cristo.

Figura 5. Foto extraída durante a exibição do programa Verdade e Vida.



Foto extraída durante a exibição do programa Verdade Fonte:
<https://www.google.com.br/search?q=programa+verdade+e+vida+da>+ Acesso out 2015

Optamos pela Figura 5, entre outras exibidas durante o programa, porque apresenta o reverendo Hernandes Dias Lopes, o *ethos* na enunciação com toda a sua interpelação e persuasão construídas por formações discursivas que tem sua gênese na Bíblia Sagrada. Ele não usa outro texto.

A cada enunciação sobre a relação entre perdão e cura é ratificada com trechos Bíblicos: cita a Carta do Apóstolo Paulo de Tarso ao colossenses; retoma as fragilidades e pecados na vida dos cristãos registradas na Bíblia nas passagens da narrativa sobre assassinato em Caim e Abel e sobre ambição dos irmãos de José que venderam-no. Essa prática discursiva sustenta a doutrina da IPB, que afirma ser seus princípios ancorados na “única regra de fé e prática a Bíblia Sagrada”. Esse enunciado é destaque no cartaz de divulgação do programa (vide Figura 2) nessa seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas fraquezas transpiram em nossas palavras e atitudes, esse é um dos enunciados que constituem o discurso religioso, emoldurado nesse estudo por meio do gênero discursivo sermão. Parafraseando o Reverendo Hernandes Dias Lopes, autor do sermão e que assume o *ethos* na pregação, reconhecemos que nossas fragilidades humanas não nos permitem esgotar as possibilidades de análise sobre o sermão “Perdão: a cura das emoções”, nem tão pouco abarcar a moldura teórica sobre Análise do Discurso de Linha Francesa, Análise do Discurso Crítica, Análise do Discurso Francesa e a questão dos Gêneros do Discurso, dada as condições de produção desse Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Vernáculas.

Entretanto, entrando na ordem do discurso sobre os estudos da linguagem, especificamente, da Análise do Discurso de Linha Francesa, devemos considerar que, nesses tempos de novas tecnologias de comunicação, informação e entretenimento, não podemos ignorar esses suportes que nos possibilitam não somente acessar e consumir, mas produzir discursos midiáticos. Esses estão cada vez mais persuasivos em virtude dos diferentes modos de sua constituição.

Tomando a concepção de discurso como acontecimento (FOUCAULT, 2005), empreendemos nossas reflexões sobre a constituição do discurso religioso, considerado um discurso constituinte (MAINGUENAU, 2008b) por causa do seu desejo de “último discurso” e sua ‘vontade de verdade’, disso decorre seu aspecto persuasivo.

Nesse sentido, no percurso de nossa investigação, observamos a partir do estudo do discurso materializado no sermão religioso midiático “Perdão: a cura das emoções” com base nos estudos da Análise do Discurso de Linha Francesa, quão grande é o poder de sofisticação, sedução, interpelação e persuasão que esse traz consigo.

Um leitor proficiente diante de determinado acontecimento (discurso) fará uma leitura mais crítica e tenderá a agir responsivamente diante da interpelação de uma forma diferenciada daquele leitor mais acrítico e menos informado, que pode

ser, facilmente, manipulado diante da persuasão desses discursos multimodais, inclusive, o religioso. Os discursos multimodais tendem a ser mais envolventes, pois conjugam cores, imagens, áudios e verbo, sempre constituídos pelo viés sinestésico que aguçam a emoção dos leitores.

Além disso, não somos sujeitos adâmicos, ou seja, não estamos inaugurando palavras e ideias ao constituirmos os nossos discursos. Eles, os discursos, entram em uma corrente interdiscursiva em que o já-dito e o não-dito atravessam os enunciados. Esse sermão, por exemplo, ao tecer seus enunciados sobre a necessidade de perdão e cura, está atravessado pelos já-ditos vindos do campo da medicina (*remédio; doença, assepsia; cirurgia os abscessos*) e da religião (*graça e misericórdia de Deus; Deus nos perdoou*) e tais enunciados pertencem às formações discursivas que constituem o arquivo (memória discursiva) de uma sociedade.

Esses podem ser retomados para manter os mesmos efeitos de sentidos ou para rompê-los. Isso foi perceptível no sermão estudado nessa investigação, pois fora constituído a partir da formações discursivas sobre perdão e cura extraídos do arquivo (memória discursiva). A carta do Apóstolo Paulo de Tarso instituiu-se como um discurso fundante desse sermão.

Outrossim, os argumentos de autoridade que foram usados para interpelar os fieis e não fieis tem sua gênese em narrativas bíblicas, ou seja, nas Sagradas Escrituras. A cada enunciação sobre a relação entre perdão e cura é ratificada com trechos Bíblicos: cita a Carta do Apóstolo Paulo de Tarso aos colossenses; retoma as fragilidades e pecados na vida dos cristãos registradas na Bíblia nas passagens da narrativa sobre assassinato em Caim e Abel e sobre ambição dos irmãos de José que venderam-no. Essa prática discursiva sustenta a doutrina da IPB, que afirma ser seus princípios ancorados na “única regra de fé e prática a Bíblia Sagrada”. Esse enunciado é destaque no cartaz de divulgação do programa (vide Figura 2)

Percebemos, então, que a memória discursiva constituiu-se como um aspecto fundamental da formação humana, pois todos os discursos trazem consigo

outros tantos já ditos, que formam essa rede interdiscursiva e somente uma evocação a esse patrimônio cultural individual, a memória discursiva, permite-nos perceber.

Nesse sentido o sermão, objeto de reflexão nesse estudo, filia-se ao discurso constituinte, permeado de vontades de verdade, dado ao quadro social a que se vincula: um programa de televisão aberta, em rede nacional, produzido pela Igreja Presbiteriana do Brasil e veiculado pela Rede Bandeirantes. Também os já estão disponibilizados no youtube.

Esse discurso religioso já institui o seu *ethos* e *pathos* desde o momento de sua produção, logo, cria expectativas de ambas as partes: o *ethos* que é dotado de um pré-discursivo ou seja, os interlocutores criam uma imagem do mesmo antes que tome a palavra; há ainda um *ethos* discursivo que é aquele que perdura durante e após a enunciação, no caso do sermão, a pregação. E o *pathos* corresponde aos interlocutores, ao auditório de determinados quadros sociais.

A partir da metodologia inerente à ADLF que instaura o movimento de descrição-interpretação, foi-nos possível assistir alguns programas, embora não tenhamos organizado uma série enunciativa, porque analisamos apenas um sermão, para fins desse trabalho. Entretanto, ao fazer a escuta sensível, pudemos compreender como é construída a persuasão no sermão “Perdão: a cura das emoções”, ministrado pelo Reverendo Hernandes Lopes. São inerentes aos variados discursos a interdição, a interpelação e a persuasão, especificamente, quando se trata de discurso religioso midiático.

No discurso religioso analisado, a interdição dá-se, porque diante da exibição de um sermão na televisão e em rede nacional é natural que algumas coisas possam ser ditas e outras não. A interpelação é feita mediante as vontades de verdade que são ali enunciadas por meio de um discurso controlado e organizado por diferentes formas de constituição e de seus campos associados.

No campo da linguagem, essa se deu por meio de escolhas linguístico-discursivas: *O perdão é absolutamente necessário Não fomos perdoados por mérito,*

mas por graça. No campo das relações interpessoais, a seleção dos enunciados que denunciam as relações de poder foram: O perdão é necessário, porque fomos perdoados por Deus; Quem não perdoa adocece física, emocional e espiritualmente.

Por fim, pela instituição do *ethos*, compreendido como imagem, comportamento assumido na hora da enunciação. O *ethos* é tomado como um representante de Deus, logo ganha um empoderamento e sua enunciação é inquestionável, porque está ancorada nas Sagradas Escrituras: *Na verdade, no céu só entrarão os perdoados. A Bíblia não oculta o perigo devastador da mágoa dentro da família e da igreja. Exemplos como Caim e Abel.*

Analisamos os enunciados supracitados e percebemos que eles trazem consigo um *ethos*, que por si só já gera a persuasão, seja pelo discurso apresentado, seja pela corporalidade, isto é, o tom da voz, as vestimentas clássicas e sóbrias, os gestos, entre outros.

Esta investigação comprovou que o discurso religioso, materializado no sermão, além de interpelar os sujeitos, persuadindo-os a assumirem novos comportamentos e novas práticas, reafirma através dos enunciados tomados enquanto discurso constituinte, como o reverendo revela o *ethos* discursivo, sinalizando para os interlocutores seu discurso persuasivo, unilateral e a sua vontade de verdade. Isso nos leva a crer que o reverendo assume seu *ethos*, investe na sua opção religiosa e reforça o proselitismo em todas as enunciações produzidas no quadro social programa “Verdade e Vida”.

Disso decorre a necessidade da escola também se permitir debruçar sobre o gênero sermão pelo viés dos discursos religiosos multimodais e, pelos princípios da ética do respeito às diversidades culturais e religiosas, refletir sobre a sua constituição e seu poder de interpelação e sedução no sentido de contribuir com a formação cultural e crítica dos sujeitos filiados a essa esfera social.

Não temos a pretensão de esgotar todo o discurso ali materializado, entretanto, podemos afirmar que em toda a sua constituição é perceptível o desejo de um ‘discurso último’, discurso constituinte e de uma vontade de verdade tão

intensa, marcada não apenas pela materialização das formulações com suas opções linguístico-discursivas, mas sobretudo por toda a persuasão que se estende da linguagem até a o *ethos*.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- AMOSSY, Ruth (org.). Imagens de si no discurso: a construção do Ethos. São Paulo: Contexto, 2008.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. 1990. As palavras incertas. As não coincidências do dizer. Trad. Vários, revisão técnica: Orlandi, Eni. Campinas, SP: Ed. UNICAMP
- BAKHTIN, M. Os gêneros de discurso in estética da criação verbal. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes (2003).
- BAKHTIN, M. ;VOLOCHINOV. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. São Paulo: Ática, 2005
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora UNB, 2001.
- FIORIN, José Luiz. Em busca do sentido: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Petrópolis-RJ: Vozes. 2009..
_____. A ordem do discurso. 19 ed., São Paulo: Edições Loyola. 2005.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Recitações de mitos: a História na lente da mídia In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org.). Filigranas do discurso: as vozes da história. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- _____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo São Carlos: Claraluz, 2003b.
- JOÃO 14; 5 BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada com anotações de A. W. Tozer. Tradução de Degmar Ribas Júnior e Michael Ribas: CPAD, 2013. Edição Almeida Revista e Corrigida.
- JÚNIOR, L. de F. E. Disponível em: <http://ipbvit.org.br/sobre/apresentacao/> Acesso em 13 agost 2015.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2006. Disponível em: http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_arquivos/14/ Acesso em 20 nov 2014.

LUZ PARA O CAMINHO (LPC). Disponível em: <http://lpc.org.br/> Acesso em 08 out 2015

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando Discursos Constituintes. Revista do GELNE, vol.2, nº2. Ano 2000.

_____. Análise de textos de comunicação. 6ª. ed., São Paulo: Cortez Editora, 2011.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: A propósito do Ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; Salgado, Luciana. Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008b.

_____. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATHEUS, 13;19. BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada com anotações de A. W. Tozer. Tradução de Degmar Ribas Júnior e Michael Ribas: CPAD, 2013. Edição Almeida Revista e Corrigida.

MATTOS, Laura. Mill's Transformational View of Human Nature, History of Economic Ideas, XIII, 3,32-55. 2005 In.: ECONOMIA E ANÁLISE DE DISCURSO: PARA ALÉM DA RETÓRICA. Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigos/download?id=2051&title=ECONOMIA+E+AN%C3%81LISE+DE+DISCURSO%3A+PARA+AL%C3%89M+DA+RET%C3%93RICA> Acesso nov 2014.

ORLANDI, Eni Puccineli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PAULO 3;13. BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada com anotações de A. W. Tozer. Tradução de Degmar Ribas Júnior e Michael Ribas: CPAD, 2013. Edição Almeida Revista e Corrigida.

PACHECO, Gustavo de Britto Freire. Retórica e nova retórica: *a tradição grega e a teoria da argumentação de Chaim Perelman*. Em: < <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25334-25336-1-PB.pdf>>. Acesso em: 09 set 2015.)

SIMBOLOGIA DAS CORES. Disponível em: <https://www.evonline.com.br/simbologia-das-cores/> Acesso em 09 out 2015.

VYGOTSKY. L.S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO

Sermão: Perdão, a cura das emoções

O perdão é o melhor remédio para a saúde emocional. O perdão é a assepsia da alma, a faxina da mente, a alforria do coração, a cura das emoções. Perdoar é lembrar sem sentir dor. Perdoar é zerar a conta e não cobrar mais a dívida. O perdão é ato de misericórdia e manifestação da graça (adiciona argumentos a favor). O perdão é absolutamente necessário. E isso, por várias razões:

- 1. O perdão é necessário porque temos queixa uns dos outros (justificativa do que se anunciou anteriormente). Nós não somos perfeitos, não viemos de uma família perfeita, não temos um casamento perfeito, não temos filhos perfeitos nem frequentamos uma igreja perfeita (adiciona argumentos a favor). Consequentemente, nós temos queixas uns dos outros (conclusão do que foi dito anteriormente). Na verdade, nós decepcionamos as pessoas e as pessoas nos decepcionam. Nossas fraquezas transpiram em nossas palavras e atitudes. Sem o exercício do perdão ficamos entupidos de mágoas e a mágoa gera raiz de amargura no coração. Não somente isso, a amargura perturba a pessoa que a alimenta e contamina as pessoas ao redor.*
- 2. O perdão é necessário porque fomos perdoados por Deus. Quem é receptáculo do perdão precisa transformar-se em canal do perdão. Aqueles que retêm o perdão ao próximo fecham-se para receber o perdão de Deus. Não existe uma pessoa salva que não tenha sido perdoada. Na verdade, no céu só entrarão os perdoados. Logo, é impossível ser um cristão sem exercitar o perdão. Devemos perdoar assim como fomos perdoados. Como Deus nos perdoou devemos nós também perdoar uns aos outros. Quando compreendemos a enormidade do perdão recebido por Deus, não temos mais motivos para sonegar perdão ao próximo. Nossa dívida com Deus era impagável e Deus no-la perdoou completamente. Não fomos perdoados por mérito, mas por graça. Perdão não é reivindicação de direito, mas o clamor solícito da misericórdia.*

3. *O perdão é necessário porque por meio dele restauramos relacionamentos feridos. A Bíblia não oculta o perigo devastador da mágoa dentro da família e da igreja. Exemplos como Caim e Abel, José e seus irmãos, Absalão e Amnon retratam essa amarga realidade. Há pessoas feridas dentro do lar e também na assembleia dos santos. Há pessoas doentes e perturbadas emocionalmente porque um dia foram injustiçadas por palavras impiedosas e atitudes truculentas. Há pessoas prisioneiras de traumas e abusos sofridos na infância. Há indivíduos que não conseguem avançar vitoriosamente rumo ao futuro porque nunca se desvencilharam das amarras do passado. O perdão destampa esse poço infecto. Espreme o pus da ferida. Cirurgia os abscessos da alma. Promove uma assepsia da mente e proclama a libertação das grossas correntes do ressentimento. O perdão constrói pontes no lugar que a mágoa cavou abismos. O perdão passa o óleo terapêutico da cura, onde o ódio abriu feridas. O perdão promove reconciliação onde a indiferença quebrou relacionamentos. O perdão expressa o triunfo da graça, onde o ódio mostrou a carranca do desprezo.*

4. *O perdão é necessário para experimentarmos plena felicidade. Uma pessoa que nutre mágoa no coração não é feliz. O ressentimento é autofagia, é autodestruição. Guardar mágoa é a mesma coisa que o indivíduo beber um copo de veneno pensando que o outro é quem vai morrer. Nenhum calmante químico pode aquietar uma alma desassossegada pela mágoa. Nenhum prazer deste mundo pode aliviar a dor de um coração ferido pelo ódio. A mágoa produz muitas doenças. Quem não perdoa adoce física, emocional e espiritualmente. Mas, o perdão traz cura completa para o corpo e felicidade plena para a alma.*